

Dezembro 2018

fato e razão

104

CONSELHO DIRETOR NACIONAL

Cláudia Aparecida e Eduardo F. Firmiano
Deise e Raimundo Fonseca da Silva
Maria Lúcia e Waldir Leandro de Paula
Vilma e Roseneo Olizete Jorge

CONSELHO EDITORIAL

Arlete e João Borges
Marisa e Galdino Ulysses
Jesuliana do Nascimento Ulysses
Marly e Jose Maurício Guedes
Rita e Luiz Carlos Torres Martins
Raquel e Ronaldo Nascimento
Terezinha e Oscavo Homem de C. Campos
Rosana e Rubens de Oliveira Carvalho
Arte e diagramação Anderson Nogueira
amarartesvisuais@gmail.com e João Borges
Circulação restrita sem fins comerciais

SUMÁRIO

CULTURA

A morte de um museu ————— 15
Roberto Damatta

FILOSOFIA

A crise do ser ————— 25
Marcelo E. Steiger

Protagonismo da juventude ————— 62
Jorge Leão

Tenho medo ————— 64
Autor desconhecido

INSTITUCIONAL

Jubileu do MFC de Conquista ————— 4
Ezequiel S. Gomes

PERSONALIDADE

Nota da CPT ————— 36

POESIA

Honestidade ————— 34
Bráulio Bessa

POLÍTICA

Paradoxo da democracia ————— 52
Oscar Vilhena Vieira

RELACIONAMENTO

Família ideal? ————— 41
Deonira La Rosa

RELIGIÃO

Cada um no seu quadrado ————— 18
Coord. G. Valadares

Deus destinou os bens da terra... 21
Jorge La Rosa

Enquanto isto... ————— 29
Oscavo H.C. Faria

Iluminações do Natal de Jesus ————— 7, 20, 31, 35,
Pe. Dalton Barros 38, 43, 46

PNFD - Tema 2 - Mód. 3 ————— 54
Coord. De MG

Pobreza moral ————— 59
Bráulia Ribeiro

A espiritualidade de Teilhard ————— 8
du Chardin...
Ursula King

SOCIEDADE

Cidadania reflexiva (5) ————— 19
Eq. F & R

Dia seguinte ————— 23
Vera Iaconelli

É proibido proibir ————— 27
Luiz Carlos T. Martins

O medo de ser nós mesmos ————— 39
Daniela Arbex

Justiça, Trabalho escravo e vida
humana ————— 44

Oscavo H.C. Faria
Todo mundo precisa falar sobre isso — 47
Ana Paula Lisboa

Por que Direitos Humanos ————— 49
Ivo Lesbaupin

TECNOLOGIA

Estamos presos a um tecnocentrismo? — 32
Ronaldo Lemos



50 ANOS DO MFC EM VITÓRIA DA CONQUISTA BA

"Em quase tudo na vida há uma figura imprescindível".

Eugen Bertholt Friedrich Brecht

Ainda que o nosso foco seja discorrer sobre o Jubileu de Ouro do Movimento Familiar Cristão em Vitória da Conquista, permitam-nos fazer um pequeno recorte para abordar como surgiu e quem nos apresentou essa corrente ideológica promotora da família.

Pois bem, nada surge do vazio, nada vem pronto como um lance de condão qualquer, que se materializa à nossa frente, e o MFC não foge à regra. As portas se abrem quando surge a figura im-

prescindível de um sacerdote oriundo das terras italianas, que acabara de tomar posse na Catedral Nossa Senhora das Vitórias – o padre Virgílio Zuffada (1936 - 2015). Feliz acaso? Pode ser. Todavia, na vida de quem serve a Deus, não existem acasos. Estava ali, naquele homem, um re-bento, a oportunidade que faltava.

Dotado de um olhar multifocado, sabia que nos vitrais da família cada homem e cada mulher é nada mais, nada menos, que essa gota de cris-

tal, onde a luz se refrata para intensificar a luminosidade do Criador.

De repente, ele é convidado a participar de um seminário onde conhece a filosofia do Movimento. Volta de lá encantado. E não se conteve, quis trazê-lo de imediato à sua Paróquia. Sem perder tempo, convida o casal Neuber e Norma Nascimento que também tinham participado da fundação do MFC na cidade de Alagoinhas, e uma equipe da Capital do Estado formada pelo monsenhor José Luna e pelos casais Carlos e Guilhermina, Ivan e Sônia, Otávio Henrique e Celice, para que implantassem o Movimento na área da nossa Diocese.

E, assim, no antigo prédio do Fórum (atualmente: Câmara de vereadores), num evento histórico, com banda de música, serviço de alto-falantes, anúncio nas rádios e convites impressos, fazem nascer, de fato, o Movimento Familiar Cristão em Vitória da Conquista. A programação teve o encerramento com uma Missa na Catedral Nossa Senhora das Vitórias. Era 31 de outubro de 1968.

Passado o momento festivo, começaram as atividades do MFC com a primeira reunião na casa de José Carlos e Celeste Galvão que receberam, além dos implantadores

Neuber e Norma Nascimento, o padre Arnaldo Lima Dias e os casais: Cícero Amorim e Dionê, Áureo e Telma, Fernando Dantas Alves e Denise, Edgar Gama e Lygia, Crésio e Margarida, Nelival e Rita e o padrinho do Movimento, padre Virgílio.

Daí pra frente, o MFC profético e missionário que sempre foi – e o é –, ainda, em 1968, assume o Encontro de Noivos e a Campanha de Natal. Na época, a principal atividade do MFC era o curso de preparação para o casamento. Outros trabalhos começaram a surgir em consonância com o espírito missionário que impulsionava os que ingressavam no Movimento.

À medida que os anos iam passando, crescia o número de participantes. As pessoas percebiam que o Movimento tinha chegado para transformar o modo de agir e de viver dos casais e das pessoas.

Surge então a necessidade de realização do primeiro Encontro de Casais que aconteceu nos dias 12, 13 e 14 de setembro de 1980, no Seminário Diocesano; quando os grupos já formados tiveram a oportunidade de recrutar mais casais e a formar novos contingentes.

Assim, o MFC começa a se expandir para outras áreas

além da Catedral e, em seguida, para outras cidades pertencentes à Diocese de Vitória da Conquista. O padre Virgílio fazia questão de estar presente nos eventos e ajudar no desenvolvimento dos trabalhos, o que motivava ainda mais os participantes para a expansão do Movimento.

Muitas caravanas eram realizadas para ministrar Encontros de Noivos e Encontros de Casais, em diversos distritos como: Malhada, Bomba, Tabocas, Capinal, e também nas cidades de: Encruzilhada, Candido Sales, Belo Campo, Condeúba, Barra do Choça, Barra da Estiva, Itambé, Itapetinga, Itarantim, Macarani, Nova Canaã, Iguai, Ibicuí (BA). Em 1982, criam-se o MFC de Planalto e o de Poções (BA), com dois momentos simultâneos e marcantes: Encontro de Casais e Encontro de Jovens.

Acostumada a grandes momentos, em 2013, Vitória da Conquista sedia o 18º ENA – Encontro Nacional do Movimento Familiar Cristão – o maior eventado MFC em nível nacional. Uma semana inteira de festa, com a presença de mais de 500 pessoas de todo o território nacional. Um dos pontos significativo se que nos chama a atenção é que todos aqueles que aqui vieram ficaram hospedados nas nossas casas, vivendo assim

a mística de hospitalidade do Movimento.

Depois desse feito, o MFC Conquistense teve a honra e a felicidade de poder contar com um casal escolhido para a Coordenação Nacional do Movimento: Rubens Carvalho e Rosana Neves.

Contudo, o Movimento Familiar Cristão não é somente esse quadro de hoje. Ele é fruto de um trabalho construído a inúmeras mãos. É provável que o padre Virgílio, até inconscientemente, tinha uma clara visão de que ele era mais uma das tantas mãos que levavam avante o projeto mfcista; e que, após ele, outras mãos viriam para dar continuidade a este plano defensor da família. Daí tanto desvelo, tanta garra para cumprir, com propriedade, a missão que Deus lhe confiara.

Em 2014, o Papa Francisco, num dos seus arroubos poéticos disse: “Uma família e uma casa são duas realidades que se reclamam mutuamente. São os tijolos para a construção da sociedade”. O padre Virgílio entendia muito bem isso. Sabia da impossibilidade de o homem ser uma peça insular e era cioso dessa realidade.

Dois mil e dezoito é um ano de lembranças valiosas e de gratidão aos irmãos que se

doaram pavimentando a estrada que pudéssemos chegar ao nosso Jubileu de Ouro. Eles nos deram a oportunidade de contar, mesmo que resumidamente, a história do MFC em Vitória da Conquista e com o mesmo entusiasmo daqueles destemidos de 1968.

Por isso mesmo, é que a história de vida do padre Vir-

gílio deve ser sempre lembrada, pois foi através da sua dedicação e da sua capacidade admirável de liderar, que se transformou nessa referência imprescindível para o MFC Conquistense.

Ezequiel Sena Gomes – Contista, cronista, membro da Academia Conquistense de Letras e membro do MFC há 22 anos.

Iluminações do natal de Jesus(I)

Fiquemos junto ao Mistério. Há presságios celebrados. Vai acontecer o inesperado. Nossos olhos terão de testemunhar.

Desde que as chuvas caem e o Ano da Fé começou com o Advento, nós esperamos aquele que há de vir.

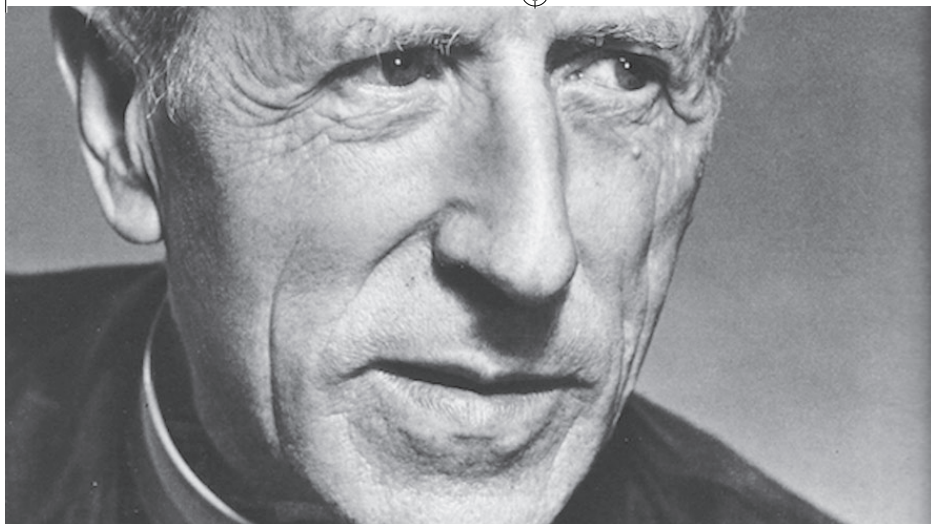
A espera é parte de nosso testemunho de crer no Amor de Deus por nós. Advento foi espera. Expectação. Nem sempre é fácil esperar. Como é difícil a paciência na expectativa da hora boa.

Deus sempre nos dá motivo para uma alegre espera. Sempre há promessas por acontecer, vindas de Deus.

O verão chegou. O tempo parece curto pois tudo parece festa antes da hora

Pe. Dalton Barros





A ESPIRITUALIDADE SEGUNDO A VISÃO DE TEILHARD DE CHARDIN – 4

Ursula King*

Por que o pensamento de Teilhard de Chardin é de grande significado para a espiritualidade cristã hoje?

A vida de Teilhard de Chardin, que se estendeu de 1881 a 1955, foi de paixão intelectual e aventura espiritual. Certamente ele foi um daqueles seres humanos “em quem o espírito de seu tempo se inflama mais intensamente”. Impregnado da visão de mundo da ciência moderna, tal como refletida nas disciplinas em que trabalhava, a geologia, a paleontologia, mas também a biologia, Teilhard expressou, tanto em sua vida como em seu trabalho, uma das mais fortes afirmações da fé cristã na encarnação, celebrando a presença de Deus

em todas as coisas através de Cristo. Para ele, essa era uma presença fortemente sentida, na qual acreditava fervorosamente e que retratou com uma potência espiritual raramente igualada por outros escritores.

Apesar disso, para muitas pessoas, Teilhard é um pensador muito complexo, um escritor muito difícil, um inovador muito audacioso. O poder de sua síntese intelectual e de sua visão espiritual nem sempre é de todo compreendido. As fontes de energia de sua espiritualidade, caracterizada pela afirmação e pela celebração da vida, são pouco exploradas. As igrejas cristãs raramente reconheceram o poder contagiante de sua fé cristã, uma fé que era absolutamente central para sua

visão e seu trabalho, embora Teilhard tenha chegado a dizer que, como qualquer outra pessoa, caminhava nas sombras da fé, e que essa crença não é visão. Com rara intuição, tomou o pulso do mundo moderno e perguntou pelo sentido de sua frenética atividade, por seu objetivo final. Sentia que hoje, mais do que nunca, era imperioso cultivar o amor pela vida, conservar "le goût de vivre", o gosto de viver que sustenta os indivíduos e as comunidades. Para tanto, precisamos descobrir o valor de nosso trabalho e de nossos esforços, fortalecer os vínculos da comunidade humana por meio dos poderes do amor e da colaboração, encontrar novos modelos de santidade e buscar uma nova-espiritualidade, um misticismo de ação, que seja verdadeiramente compatível com o mundo que conhecemos hoje.

Teilhard escreveu muito sobre a espiritualidade cristã. E também a viveu. Ele é uma formidável encarnação e um exemplo inspirador da espiritualidade cristã no mundo contemporâneo. Em Teilhard encontramos uma tensão criadora e uma síntese de razão e fé, de ciência e religião, de racionalidade e misticismo. Esses elementos se refletem em seus antecedentes históricos: de um lado, pela linha materna, estava ligado a Vol-

taire, racionalista apaixonado e crítico da religião; do outro, provinha da mesma região do Alverne, como Pascal, místico apaixonado, abrasado pelo fogo da fé, que 300 anos antes dele se dirigira aos fiéis e aos cientistas de sua época e cuja espiritualidade, como a de Teilhard, se centrava na pessoa de Cristo. Outros paralelos podem ser traçados entre esses dois homens. Quando Teilhard morreu no domingo de Páscoa de 1955, em Nova York, aqueles que o viram disseram que seu rosto tinha "uma impressionante semelhança com o de seu compatriota de Clermont Pascal: a fronte lisa, as bochechas encovadas, o nariz e os ossos malares proeminentes, os lábios finos".

Quando estudava teologia no começo do século, Teilhard e seus amigos especulavam sobre suas futuras tarefas. Foi quando seus amigos lhe deram o papel de "apóstolo dos gentios". Mais de dez anos depois, quando começou a escrever durante a Primeira Guerra Mundial, ele mesmo compreendeu sua vocação como "apóstolo de Cristo no universo", um apóstolo chamado na "estrada do fogo". Foi por essa época que sua amadurecida espiritualidade se forjou, adquirindo notáveis características. Poderia ser descrita como a espiritualidade de um peregrino, de

alguém que sempre se encontra “a caminho”, em marcha, de um errante entre mundos diferentes; como a espiritualidade de um fiel servo de Deus que até o fim da vida perseverou em sua busca e em suas lutas; e como a espiritualidade de um profeta e servo sofredor que experienciou as profundezas do sofrimento e da dor. Esses diferentes aspectos se resumem melhor em seu lema “comunhão com Deus através do mundo”. “Comunicar-se com todo o vir-a-ser” era sua fórmula favorita.

A espiritualidade pessoal de Teilhard consistia em ver todas as coisas em Cristo e Cristo em todas as coisas. Para ele, Cristo era o Alfa e o Ômega, o começo e o fim de todo o ser criado. Esse é um tema cristão bastante antigo, profundamente enraizado no evangelho de São Paulo e São João, que Teilhard gostava de contemplar e no qual mergulhara durante sua formação teológica. Mas, a exemplo de Pascal e outros antes dele, Teilhard procurou traduzir essas palavras em um novo contexto e em uma nova linguagem a fim de que se tornassem significativas para as pessoas hoje. A “visão” era o sentido específico, quase o método particular, por meio do qual ele realizou essa tradução e transformação, e foi pela reiterada ênfase na ne-

cessidade de desenvolver um tipo especial de visão que Teilhard tentou transmitir sua mensagem.

Na acepção teilhardiana, a “visão” é um processo que implica “ver mais” e também “ver de forma diferente”; significa contemplar o mundo de uma perspectiva diferente a fim de ter acesso a uma visão mais ampla, a uma nova consciência, a uma vida mais plena. “Ver todas as coisas”, sobretudo ver todas as coisas em Deus, tal como preconiza a tradição inaciana a que Teilhard se filia, já não pode ser entendido como uma afirmação meramente descritiva. A menção a “todas as coisas” tem um sentido muito mais amplo hoje do que antigamente. Nosso minucioso conhecimento científico proporciona muito mais detalhes e precisão sobre todas as coisas. Agora que descobrimos como ver o infinitamente pequeno e o infinitamente grande, Teilhard sublinha a necessidade de aprender a ver uma outra, uma terceira dimensão, o infinitamente complexo, que afeta a interestrutura de todas as coisas, de todos os eventos, pessoas, processos e relações. Em todas as coisas e por meio de todas elas, podemos delinear o processo de crescimento, desenvolvimento e transformação. De que modo um cristão hoje ainda pode ver

todas essas coisas em Cristo e através de Cristo? Como afirmou corretamente Teilhard, "se o mundo está se tomando tão assustadoramente vasto e poderoso, resulta então que Cristo é muito maior até do que costumávamos pensar".

Como a presença viva e dinâmica e a energia de Deus podem ser percebidas por meio da miríade de coisas que conhecemos e com as quais deparamos atualmente? Essa era a questão que Teilhard se formulava. Para ele, Deus se encontra em todas as formas de vida, através de seu calor, de sua radiação, de seu poder, de sua energia e de sua beleza, que ele descrevia com grande lirismo. Mas a vida divina também se encontra na diminuição e na decadência, na morte, no sofrimento e na dor, em tudo aquilo que Teilhard metaforicamente chamou de "mãos de Deus". Elas moldam a experiência de nossa vida, com todos os seus picos e vales, atividades e passividades. Foi a partir dessa perspectiva que ele se referiu à força espiritual que pode ser extraída até mesmo do sofrimento. Certamente, dele Teilhard retirou grande alento, como se pode perceber de suas experiências nas trincheiras da Iª. Guerra Mundial, quando começou a celebrar sua "missa sobre as coisas", oferecendo tudo

a Deus. Como escreveu mais tarde, em 1923.

Em certo sentido, a verdadeira substância a ser consagrada a cada dia é o desenvolvimento do mundo durante esse dia – o pão simbolizando apropriadamente o que a criação chega a produzir, o vinho (o sangue) o que ela perde em esgotamento e sofrimento no curso de seus esforços.

Teilhard escreveu então: "Quanto mais me examino, mais me convenço de que só a ciência de Cristo através de tudo, ou seja, a verdadeira ciência mística, é a única que importa".

Para Teilhard, a figura de Cristo era amplamente perceptível no universo, um universo que ele estudou como cientista. Essa era a maneira como ele o via, mas trata-se de uma visão que só pode ser compreendida e só faz sentido a partir da fé cristã. Mas o que a fé em Cristo e as doutrinas cristológicas poderão significar hoje se novos horizontes "não forem abertos à nossa moderna maneira de compreender e adorar"? Em seu ensaio "My Fundamental Vision" [Minha visão fundamental] (1948), cujo título em francês, "Comment Je Vois", literalmente significa "como eu vejo", ele expressa sua visão própria e nova como uma síntese de "física, metafísica e

misticismo". Ao ler seu texto, percebe-se que essa visão se baseia em uma sólida integração entre ciência, religião e mística. Era essa visão integral e essa síntese que ele queria transmitir a seus semelhantes, como afirmou no prefácio desse ensaio e reiterou em vários de seus escritos: "Parece-me que o árduo e contínuo trabalho de toda uma vida nada representaria para mim se conseguisse, nem que fosse por um só instante, proporcionar um verdadeiro quadro do que vejo".

Os tópicos seguintes apresentarão algo da visão de Teilhard de Chardin. Espero mostrar que ele estava imbuído e inflamado por uma dinâmica espiritualidade de amor e de união, centrada em uma concepção do mundo profundamente sacramental e encarnacional, que procurava ver Cristo em todas as coisas. Espero também sugerir ao leitor que o pensamento de Teilhard contém muitas sementes para a renovação cristã hoje.

No livro Cristo em todas as coisas, publicado no Brasil pela Editora Paulinas, examinamos também as etapas significativas da própria experiência espiritual de Teilhard, por ele muitas vezes relacionada com a energia transformadora e com a luz do fogo. Além de resenhar seus escritos sobre espiritualidade, consideramos

em que medida o "novo misticismo" de Teilhard representa uma espiritualidade nova e holística, de grande potencial transformador para nosso mundo, que dá testemunho da vigorosa força da fé cristã. Os capítulos restantes analisam a espiritualidade em diferentes contextos contemporâneos, a partir de várias perspectivas: o pluralismo religioso e o diálogo inter-religioso; as mulheres e os teólogos do Terceiro Mundo; as reflexões sobre o planeta Terra e as novas preocupações com o meio ambiente. Todos esses temas estão prefigurados no pensamento de Teilhard e podem ser relacionados com elementos-chave de sua própria espiritualidade. Sua obra oferece uma das mais ricas fontes para a consecução de uma visão global da vida sobre a Terra e para a vivência de uma nova santidade em um mundo no qual a presença de Deus se encontra nas alegrias e nos sofrimentos de nossa vida cotidiana, abençoados e transformados pelo inesgotável mistério do amor e da glória de Deus.

Por enquanto, reservamos para a seção seguinte uma discussão sobre a concepção teilhardiana de Cristo. Enfim, para concluir esta primeira parte de nosso arrazoado, gostaria de citar uma oração escrita por Teilhard, dirigida a Deus em Cristo, que

faz parte de seu primeiro ensaio, "Cosmic Life" [Vida cósmica], de 1916:

Centro em que tudo se encontra e que se estende por sobre todas as coisas para reconduzi-las a si, eu vos amo pelos prolongamentos de vosso Corpo e de vossa Alma em toda a Criação, por meio da Graça, por meio da Vida, por meio da Matéria.

Jesus, doce como um Coração, ardente como uma Força, íntimo como uma Vida - Jesus, em quem posso me fundir, com quem devo dominar e me libertar -, eu vos amo como um Mundo, como o Mundo que me seduziu - e sois Vós, agora vejo bem, sois Vós que os homens, meus irmãos, mesmo aqueles que não creem, sentem e perseguem através da magia do grande Cosmos.

Jesus, centro para o qual tudo se move, dignai-vos preparar para nós, para todos, se possível, um lugar entre as mônadas escolhidas e santas que, despegadas uma por uma do caos atual pela nossa solicitude, se agregam lentamente em Vós na unidade da Terra nova.

CRISTO EM TODAS AS COISAS: UM CENTRO DIVINO NO CORAÇÃO DO UNIVERSO

Muitos dos ensaios de Teilhard de Chardin contêm su-

gestões específicas para um trabalho teológico mais construtivo, especialmente na cristologia. Ver Cristo em todas as coisas e todas as coisas em Cristo é atingir o âmago da visão teilhardiana. É uma perspectiva que desvela todas as outras e representa um dos aspectos mais essenciais de seu pensamento. Contudo, como ocorre com todas as ideias de Teilhard, sua obra aqui é muito negligenciada pelos pensadores religiosos contemporâneos. É quase trágico que o exílio que Teilhard suportou em vida tenha se perpetuado após sua morte. Seu pensamento continua a ser ignorado entre os principais teólogos cristãos da atualidade, pelo menos no que diz respeito aos escritores anglo-saxônicos.

As ideias de Teilhard não são discutidas pelos atuais estudiosos da espiritualidade contemporânea, nem mencionadas pelos teólogos. Uma coletânea recente e atualizada de textos teológicos dirigida a estudantes não faz sequer referência à obra dele na seção sobre cristologia, embora Teilhard tenha dado uma contribuição particularmente importante e original ao moderno pensamento cristológico. Como observou corretamente um comentarista: "Muito embora Teilhard não tenha criado um sistema teológico acaba-

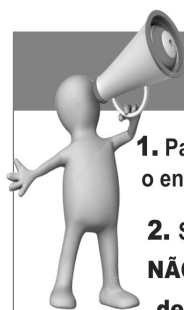
do, seus escritos sobre cristologia, que cobrem um período de quase quarenta anos, deram, por seu efeito cumulativo, a contribuição sistemática mais impressionante dos tempos modernos à ideia de um Cristo cósmico". Apesar disso, com efeito, é raro encontrar referências a suas ideias cristológicas. Isso prova mais uma vez que a obra de Teilhard é simplesmente ignorada, e não criticamente debatida. É quase como se um pacto de silêncio houvesse sido selado para suprimir seu arrojado e corajoso pensamento, que se filia a uma grande e venerá-

vel tradição de fazer teologia fornecendo ao mesmo tempo o azeite necessário para reacender a luz da fé cristã e fortalecer o dinamismo da espiritualidade cristã.

Úrsula King é Professora e Chefa do Departamento de Teologia Religiosa da Universidade de Bristol. Inglaterra, além de fundadora do Teilhard Centre, sediado em Londres.

Transcrito do site: Ciberteologia

N.E. – Trecho da obra "Cristo em todas as coisas, a espiritualidade na visão de Teilhard de Chardin". São Paulo. Paulinas, 2002.



AVISO AOS ASSINANTES

- 1.** Para renovação de sua assinatura utilize **PREFERENCIALMENTE** o envelope de depósito bancário que lhe for encaminhado.
- 2.** Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, **NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR**, pelo tel **(32) 3214.2952**, de **13:00 às 18:00** ou pelo endereço eletrônico da livraria MFC: **livraria.mfcgmail.com** ou ainda pelo **whatsapp (32) 98702-1600**.
- 3.** Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.
- 4.** O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago, juntamente com o envelope bancário para depósito da renovação.

Temos o máximo interesse em mantê-lo como assinante.





A morte de um museu

Roberto Damatta*

Como um museu pode morrer? Afinal, museus têm muito de cemitérios: eles guardam relíquias, e espécimes embalsamados de fauna, flora, artefatos de sociedades tribais desaparecidas e obras de arte; além de livros — muitos livros que, fechados, jazem ao lado dos diários daqueles que passam a vida dentro deles para aprender o que existe do lado de fora. Ficam fora do mundo para vê-lo com suas doenças, traições, erros e sofrimento. Neste sentido, um museu é um palácio de tesouros e de objetos sagrados. De artefatos deslocados no tempo e no espaço, ininteligíveis aos olhos comuns.

Tal perspectiva me ajuda a elaborar a morte do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, no qual trabalhei como antropólogo social por cerca de três décadas.

Ao vê-lo ser impiedosamente lambido pelas chamas, pensei nos meus mentores — Luiz de Castro Faria, Roberto Cardoso de Oliveira e David Maybury-Lewis, responsáveis pela transformação do seu Setor de Antropologia num dinâmico Programa de Pósgraduação em Antropologia Social que é hoje uma referência mundial.

O que sentiriam esses fundadores ao ver a catástrofe anunciada pelo total descaso de múltiplos governos, partidos, posicionamentos e hi-

pocrisias tão nacionais e tão isentas do perigo de incêndio? O que diriam eles, que — seja como pesquisadores, professores e administradores, como, aliás, foi o meu caso — jamais perderam o rumo da honestidade intelectual para privilegiar suas preferências ideológicas e partidárias? Essa malvada dialética do ser isso e aquilo vai suicidando o Brasil?

Em todas as minhas pesquisas entre os jêtimbira, gaviões e apinayé, encontrei quem me tomasse como um disfarçado espertalhão, que se apresentava como etnólogo, mas, de fato, buscava pedras preciosas, ouro ou urânio naquele mato que deveria ser tomado dos índios e destruído para dar lucro. Para muitos, estudar índios era não apenas uma utilidade dos imbecis da minha estirpe, era uma malandragem inteligente para enriquecer. Até hoje ouço que pesquisar para compreender, e não para tomar partido, é uma mitificação. É triste constatar que não temos neste Brasil, cada vez mais castrado por si mesmo, lugar para o professor, para o estudioso, para o investigador que sabe que não sabe e trabalha na esperança de acrescentar mais um pouco ao saber humano, mesmo seguro de que será inevitavelmente superado e esquecido.

O Museu Nacional não foi uma vítima somente do descaso. O descaso é o resultado da mais absoluta ausência em nosso horizonte cultural do lugar do professor. O descaso é irmão da nossa aliança com a ignorância, o oportunismo e a esperteza. Ele é filho dileto do abandono dos governos e de governantes orgulhosos de nunca terem lido um livro, mas que se concedem o direito de falar de tudo, sobretudo do que não entendem.

Ele é o fruto de uma cultura aristocrática, autoritária e beletrista, que se compraz nos folguedos de poesia e pensa que contar casos é sabedoria. Um museu que morre por falta de apoio oficial é o que se colhe quando se elegem governantes ignorantes e burros-doutores narcisistas, que pensam que entendem de tudo, quando não são meros ladrões patológicos dos bens coletivos.

Dessa ópera trágica nacional, na qual o papel de professor é nulo, nasce a indiferença muda que testemunha o assassinato dos museus. Fizemos estádios e reformamos o Maracanã ali ao lado do Museu Nacional, que sequer foi visitado por alguma autoridade. O Brasil é recordista em incêndios de museus, ao lado de ser um fenômeno no que tange ao roubo do povo em seu próprio nome!

Um país no qual a luta pelo poder não tem limites acaba destruindo ideais, valores e a mais chã moralidade. Estudar, investigar e compreender para sondar o escuro e o terror que se escondem em cada um dos nossos corações é algo sem valor. Ai está sem dúvida fósforo que toca fogo nos museus.

Um museu que morre por falta de apoio oficial é o que se colhe quando se elegem governantes ignorantes e burros-doutores

P.S.: Onde estão os milionários brasileiros – formados gratuitamente nas nossas universidades federais – para ajudar na reconstrução do museu?

Transcrito de O Globo

Cada família do MFC

1 ASSINATURA POR ANO:

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias. ASSINE E DÊ DE PRESENTE, CADA ANO.

fato e razão



Assinatura anual: R\$ 34,00

- Envie o nome e endereço de um filho, amigo ou parente, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês...
- Faça um cheque nominal, cruzado ao MFC ou
- Efetue depósito na conta 27249-3, agência 3139-9 - Banco do Brasil;
- Envie os dados pelo E-mail da Revista ou pelo **Whatsapp (32) 98702-1600**



E-mail: livraria.mfc@gmail.com

**Distribuidora Fato e Razão - Rua Barão de Santa Helena, 68
JUIZ DE FORA/MG - CEP 36010-520**



Cada um no seu quadrado

Lembram daquele hit que grudou nas cabeças de muitos, premiado em 2008 que caiu na graça popular, a “Dança do quadrado”? Começou com brincadeiras universitárias e logo depois a cantora Sharon Acioly gravou e pronto, virou febre.

A vida nos ensina de tudo um pouco, temos a oportunidade de tirarmos lições das tristezas, alegrias, do que presta ou não presta, assim como o lixo depois de separado, reciclado retornam pra nós em produtos e benefícios. Pois então vamos reciclar.

“Cada um no seu quadrado” nos remete a uma expressão individualista, cada um empenha-se a cuidar daquilo que é seu. Estamos rodeados de pessoas assim, não gostam de ser incomodadas, não querem aprender nem ensinar, não pedem favores pra não ter que retribuir, não respondem ao chamado porque não querem se comprometer.

Mas também podemos tirar um ensinamento interessante nessa expressão.

Se cada um buscasse e exercesse sua missão cristã dentro do seu quadrado, teríamos um gigantesco mosaico transformador. Capaz de atingir mesmo àqueles que não querem se misturar.

Ser cristão é zelar pelo Reino, cuidar para que através de nós aconteça em nosso meio às propostas de Cristo. Em qualquer lugar que eu for, fazer acontecer dentro do meu quadrado a justiça, o respeito ao próximo, a caridade, o diálogo. Não podemos escolher onde e quando ser cristão, é preciso testemunho verdadeiro fora dos templos. Há muitos quadrados a serem transformados por nós e um deles bem próximo, em casa, no lar onde vivemos.

*Gildásio e Lucyene é
Coordenação do MFC -
Gov. Valadares - MG*

CIDADANIA REFLEXIVA (5)

Considerando que:

- As pessoas, em sua maioria, ainda têm liberdade para pensar; - A cidadania tem fundamento nos limites da liberdade e no respeito ao direito à vida com igualdade e com segurança; - A construção da paz, coerente e comprometida com a proposta da misericórdia, recomendada pelo Papa Francisco;

- A equipe editorial de F&R coerente com a importância de VER, JULGAR, AGIR, AVALIAR E REFLETIR valorizando a família em missão está criando, desde a edição nº 100 o espaço chamado de CIDADANIA REFLEXIVA. Aqui estarão reunidas até cinco contribuições, sob a forma de pequenas constatações, de autores

diferentes. São documentos que pretendemos serem estimuladores de reflexões individuais ou grupais sobre a realidade que as pessoas vivem neste momento histórico, bem como suas projeções sociais, políticas e econômicas mais diversas.

1ª CONTRIBUIÇÃO: De acordo com estudo recente feito pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância, seis em cada 10 crianças no Brasil vivem na pobreza. São crianças e adolescentes privados de direitos fundamentais como educação, informação, água, saneamento moradia e proteção contra o trabalho infantil, entre outros. Muitas destas crianças estão expostas a mais de uma privatização de seus direitos, simultaneamente.



te. Pergunta-se: - O que nós, os brasileiros, de qualquer formação religiosa, temos feito para melhorar esta situação? - Em nome da construção da cidadania o que cada brasileiro pode e deve fazer?

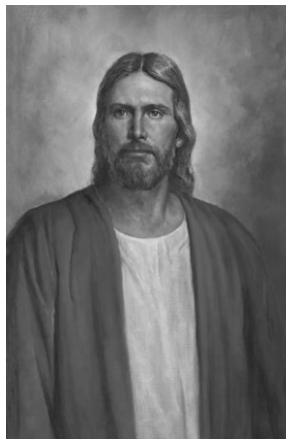
2ª CONTRIBUIÇÃO: - Os dados apontam para o fato de que as perspectivas para a educação pública de qualidade, gratuita e socialmente referenciada não são as melhores. Permanece o discurso de crise cuja única saída seria a privatização das Universidades Públicas. Buscando ser coerente com esta proposta, o Estado (governo) realiza cortes de verbas, cortes de

bolsas e outras medidas em prejuízo do ENSINO, DA PESQUISA E DOS PROJETOS DE EXTENSÃO. A EQUIPE EDITORIAL DE Fato e Razão propõe a cada cidadão/leitor aprofundar e ampliar as reflexões sobre o tema.

3ª CONTRIBUIÇÃO: - Dos 10 agrotóxicos mais utilizados no Brasil, 09 são considerados altamente perigosos. (Pesquisa da ONG Pesticide Action Network). Vários depoimentos confirmam esta prática e suas consequências. - Ampliar a discussão sobre o que fazer para que seja construído um Brasil melhor para os brasileiros.

Iluminações do natal de Jesus (II)

Jesus é a esperança do mundo. Enviado como libertador do universo e na terra libertador dos homens todos. Precisamos mesmo de nos desfazer das distorções que vivem em nosso mundo interior, elas trazem morte pois são venenosas para os outros e para nós. Matam a convivência, cegam os olhos para o melhor, destroem nossa alegria de crer como Igreja. Nossas estruturas sociais carregam a morte muitas vezes. Há em nós pulsões de morte: enganos, trapaceas, sentimentos perversos. Precisamos superar estas forças anímais que coabitam no espírito da carne. Precisamos vencer o poder da própria morte.



Para isso é olharmos o Presépio e dele tirar a lição maior, as mais belas verdades que nos fazem viver.

Pe. Dalton Barros



“Deus destinou os bens da terra a todos os homens”

Paulo VI, Populorum Progressio nº 22

Jorge La Rosa*

A organização não governamental britânica Oxfam (Oxford Committee for family and Relief) lançou no início de 2016 um estudo sobre as desigualdades no mundo intitulado “Uma economia para o 1%”. Pela primeira vez desde que o levantamento anual é feito, o 1% mais rico da população superou em renda e patrimônio os 99% restantes. Os dados mostram que a metade mais pobre da humanidade (então 3,6 bilhões de pessoas) viu sua riqueza cair 38% nos últimos cinco anos, ou seja, US\$ 1 trilhão. A riqueza desta metade equivalia em 2010 à das 388 pessoas mais ricas do mundo. Nos últimos anos, a

riqueza dessa mesma metade equivale apenas à riqueza de 62 pessoas do clube dos bilionários. Observamos quão distante se encontra o mundo contemporâneo do projeto de Deus, explicitado por Paulo VI na Populorum Progressio.

Os dados acima encerram lições: o sistema capitalista e sua faceta neoliberal não têm sido capazes de distribuir equitativamente a riqueza do mundo; ao contrário, aumentaram a acumulação nas mãos de poucos, e aumentaram tragicamente a pobreza da maioria da população, construindo um mundo sumamente injusto. Essa pobreza se desvela também nos 800 milhões de pessoas que sofrem fome na face da terra.

Outra constatação é que o mundo atual não está alicerçado nos valores cristãos e da cidadania. Se tivesse, o cenário seria diferente. Os cristãos não quiseram construir sociedades fundadas na justiça; pelo contrário, é mínima a distribuição da riqueza, e máxima a acumulação; as leis, os corporativismos, as mordomias estão a serviço de grupos minoritários para aumentar a desigualdade social e penalizar os grupos majoritários e mais pobres que devem pagar a conta. Os papas têm demonstrado a perversidade do regime capitalista, e o Papa Francisco, mais de uma vez tem voltado ao assunto e denunciado sua cupidez.

Outra falácia: o mercado se autorregula. O livre mercado no sistema capitalista não ajudou a construir um mundo mais humano, pelo contrário, João XXIII já no seu tempo (*Pacem in Terris*) indicava a impossibilidade e inviabilidade de países em diferentes níveis de desenvolvimento competirem em igualdade de condições. O mais desenvolvido abocanha o menos desenvolvido. Ainda hoje os países mais ricos vendem produtos manufaturados com grande valor agregado enquanto exportamos matéria prima e produtos do campo.

Precisamos pensar num sistema alternativo ao ca-

pitalista, que respeite os direitos individuais, e que não esteja alicerçado num consumo crescente, pois os bens da terra são finitos, eles podem acabar, precisamos pensar nas próximas gerações. Construir um sistema econômico alternativo com distribuição equitativa dos bens é missão de todos os cidadãos. E não pode tardar, sob pena de transformarmos a terra em deserto, depois de tê-la expropriado de todas suas riquezas.

Diante do exposto dizemos que ser cristão não é, em primeiro lugar ir à missa ou ao culto aos domingos, mas praticar e lutar pela justiça - e quem disse foi Jesus em Mateus 5,23-24, repetindo em Mateus 25,31-46. O ser cristão não se reduz à prática de rituais religiosos, mas se identifica pela vivência de valores, e entre estes a justiça e a caridade estão acima de todos. Pratiquemos os rituais, mas acima de tudo, peçamos a Deus que nos conceda a graça de termos "fome e sede de justiça" conforme preconiza a bem-aventurança (Mateus 5,6), para construirmos um outro mundo, tendo por pilares a justiça e a solidariedade. Isto nos introduzirá na vivência do mistério cristão, começará nossa salvação.

** Jorge La Rosa é Professor universitário.*



Vera Iaconelli*

Depois de semanas de angústia e apreensão, nos vemos diante de um presidente eleito. O Brasil decidiu e a partir daí construiremos as relações sociais que são, afinal, o que define um país — relações sociais em um terreno geográfico e político comum — e a forma de compartilhá-lo.

Nessas semanas escutamos o sofrimento de nossos pacientes incrementado pelas disputas sociais que, embora sempre estejam lá, raramente estão de forma tão intrusiva e dramática. A política, pano de fundo de toda psicanálise, na qual o drama singular revela-se no social, adentrou os consultórios como causa de sofrimento incontornável.

Mas não foi só isso o que aconteceu. Para fazer fren-

te ao discurso de exclusão de negros, índios, mulheres, gays e pobres, novas alianças foram criadas.

Encontramos ou reencontramos pessoas, enquanto trabalhávamos na oposição ao discurso de ódio, em busca de uma saída apartidária, maior do que os interesses individuais. Pessoas que se posicionaram fortemente passando por cima de diferenças políticas antes intransponíveis, que se mostraram ínfimas diante de um perigo maior.

Abraçar desconhecidos, ouvir mensagens de solidariedade, trocar sorrisos cúmplices, cantar juntos nas ruas, lembrar nossa história recente foram alguns dos marcos desse momento de angústia e medo.

Discutimos do que se trata a psicanálise e sua inser-

ção no campo social, da qual emerge, sua luta perene contra as formas de autoritarismo e segregação dos sujeitos.

Nascer e viver no Brasil é sempre uma questão. O que será que sentem japoneses, franceses, mexicanos ao se reconhecerem como tais? Qual seria o sentimento de brasilidade? Quando viajo para o Norte do Brasil vejo com mais clareza nossa ascendência indígena, no Nordeste é nossa marca africana que se sobressai, ao Sul temos mais brancos, árabes e orientais e no centro nossas origens aparecem mais borradas, fruto de maior miscigenação. Grossas pinceladas da complexidade que nos funda e nos enriquece.

Mas, afinal, o que é ser brasileiro? Ter mania de tomar banho? Aproximar-se excessivamente dos outros ao falar? Não pedir licença, para não soar petulante? Ser hospitaleiro com estrangeiros, sem sê-lo, com conterrâneos migrantes? Ser espontâneo em público, causando vergonha alheia, em alguns momentos, e pura alegria, em outros? Ter gosto pela musicalidade? Achar que nada está doce o suficiente?

Cada um que responda por si, é claro.

Para mim é ter que se haver com diferenças sociais chocantes, se haver com povos que chegaram por diferentes razões aqui, eletivas ou não. Compartilhar o desejo de pertencer, ser reconhecido, viver com dignidade. Arrastar uma história sofrida, cujo medo de encarar causa efeitos nefastos. Mas não é disso mesmo que se trata uma análise?

O Brasil é uma imensidão continental, com um povo que precisa aprender a compartilhá-la com justiça e solidariedade. É também um país que se descobriu admirado por outros. As manifestações de apoio internacionais nesses dias nos mostraram que nossa reconhecida hospitalidade nos retorna em declarações de amor e apoio. O mundo se preocupa conosco e valoriza nossa complexidade racial e cultural. Como nos disse Mia Couto em vídeo calorosamente enviado, é preciso lembrar a canção: "Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima". Por fim, aprendemos nesses dias a usar a rua para nos encontrarmos, caminhar, cantar e conversar em paz. Não abramos mão dessa recente e delicada conquista.

Vera Iaconelli é Diretora do Instituto Gerar, autora de "O Mal-estar na Maternidade". É doutora em psicologia pela USP. Transcrito da Folha de São Paulo

A CRISE DO SER

A sociedade considerada moderna, está numa crise percebida por todos, mas encarada, de frente, por poucos. Ela está em vários setores da vida.

Na economia, as pessoas querem trabalhar, buscam um mínimo de dignidade para viver e não conseguem.

Na saúde, muitos morrem aos prantos e berros no chão e feito animais à espera de um mínimo de atenção e cuidados. Aqueles que, por alguma graça, conseguem atendimento sofrem com a falta de recursos.

Na educação, há os que querem estudar, com sede de aprender e não podem por falta de espaço, de material ou pelo simples fato de precisar trabalhar para ajudar no sustento da família.

Na agricultura, os pequenos produtores são desvalorizados, estão cansados, desiludidos com a situação econômica e social em que somente o mais forte sobrevive. Culturalmente, a cada dia que passa, o povo vai esquecendo seus usos e costumes,



suas tradições, aquilo que realmente expressa a sua origem. A crise está aí.

Deixamo-nos influenciar pela tão indispensável televisão e, com isso, não exploramos nossas potencialidades, nossa criatividade, aquilo que podemos e sabemos fazer. Para muitos é mais cômodo assistir a um programa de televisão que ler um livro. A TV traz tudo pronto. Tem-se a comodidade de não precisar pensar, criar a imagem, viajar, sonhar. Ela pensa, cria e viaja por nós. Aos poucos estamos sendo moldados, rotulados de acordo com os interesses de uma determinada ideologia que nos envolve e domina.

Pessoas deixam de ter sonhos, aspirações, determinações e vivem no eterno conformismo do: se você não quiser, tem quem quer.

A cultura do homem moderno se resume apenas em saber requebrar de acordo com determinado ritmo musical. O mais pornográfico está nas músicas da moda, em todos os programas de televisão. O mais importante é o externo da pessoa. As suas aspirações e o seu interior não interessam. O amor já quase não existe mais. Amar se resume ao simples ato sexual sem cuidados, sem compromisso, sem afeto, sem respeito, sem... sem nada, porque acontece sem nenhuma ligação afetiva, emocional, sentimental. As pessoas não se relacionam mais, não se doam, não se entregam. Não fazemos mais as coisas por amor e com amor. O amor verdadeiro está decaindo.

Outrora, as pessoas conversavam naturalmente sobre problemas sociais, pessoais, se visitavam, se ajudavam. Distraíam-se num simples estar junto. Hoje as conversas existem, mas são de pessoas desanimadas, cansadas, angustiadas. Pessoas com medo da máquina e de um sistema econômico excludente que cresce sobre os fracos e oprimidos.

A ganância, a vontade de ter o poder superam e aniquilam qualquer relação de amizade, de ajuda e de partilha de experiências. O diálogo

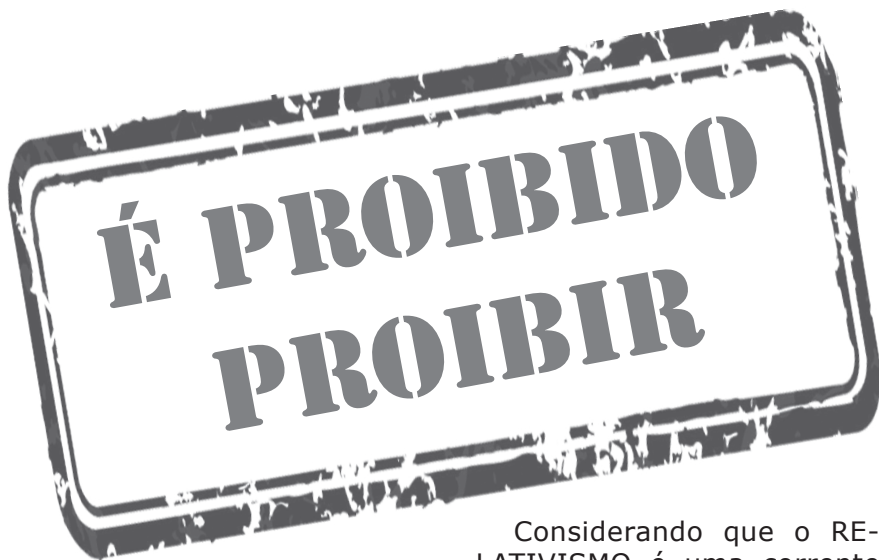
não é mais necessário, basta obedecer. A arte de conversar está em crise.

Sabemos muito sobre tantas coisas e tão pouco sobre nós próprios. Somos capazes de construir coisas que até pouco tempo eram impensáveis. O homem conhece e se interessa pela lua e outros planetas, mas está esquecendo de algo, talvez a peça mais importante, aquilo que dá impulso, a capacidade para que ele possa dar continuidade a todas as suas façanhas. Ele está deixando de pensar nele mesmo, não consegue mais controlar-se, adaptar-se, ajustar-se à própria sociedade que criou.

O ser humano está em crise, porque as preocupações não são mais dele, mas dos outros. Nada mais é de sua responsabilidade, nem mesmo o seu pensamento, suas ideias, aquilo que é a sua característica principal: o uso da razão.

É necessário mais amor por si, amor pela sua vida, pelas suas relações, amor pelo outro e principalmente pelas suas ideias, pelos seus pontos de vista.

*Marcelo E. Steiger –
Professor de Filosofia
Transcrito do boletim
Sustentação do MFC
de Itaúna (MG)*



Os relativistas afirmam que o PROIBIR tem um relevante grau de relatividade e afirmam categoricamente que tudo na vida é relativo.

Acatar uma proibição é um critério pessoal já que não somos obrigados a acolhermos as normas proibitivas que nos são impostas e sim, por dever de nossa cidadania e em respeito a sociedade, devemos acolher as normas que norteiam o nosso comportamento enquanto seres participantes de uma comunidade humana.

Frequentemente deparamos, em nosso cotidiano, com placas anunciando as proibições:- "é proibido pisar na grama"; "é proibido fumar"; "é proibido estacionar"; "entrada proibida" e mais outras proibições.

Considerando que o RELATIVISMO é uma corrente que nega toda verdade absoluta e perene assim como toda ética absoluta, ficando a critério de cada indivíduo definir. É também uma postura de interpretação da realidade que sugere que tudo deve ser encarado segundo o conceito da relatividade.

Assim sendo, somos livres para fazermos nossas escolhas, porém nos tornamos prisioneiros das consequências.

Por outro lado, deparamos também com coisas e situações que devem ser realmente proibidas e tomando como base para esta assertiva recorro ao Diplomata e Poeta Chileno PABLO NERUDA (Nascido em Parral-12/07/1904 e falecido em Santiago em 23/09/1973 - Prêmio NOBEL de Literatura) quando descreve no seu poema "É PROIBIDO!"

“É proibido chorar sem aprender,
Levantar-se um dia sem saber o que fazer,
Ter medo de suas lembranças.
É proibido não rir dos problemas,
Não lutar pelo que se quer,
Não transformar sonhos em realidade.
É proibido não demonstrar amor
Fazer com que alguém pague por suas dúvidas e mau humor.
É proibido deixar os amigos
Não tentar compreender o que viveram juntos
Chamá-los somente quando necessita deles.
É proibido não ser você mesmo diante das pessoas,
Fingir que elas não lhe importam,
Ser gentil só para que se lembrem de você,
Esquecer aqueles que gostam de você.
É proibido não fazer as coisas por si mesmo,
Não crer em Deus e fazer o seu destino,
Ter medo da vida e de seus compromissos,
Não viver cada dia como se fosse um último suspiro.
É proibido sentir saudades de alguém sem se alegrar,
Esquecer seus olhos, seu sorriso, só porque seus caminhos
se desconstruíram
Esquecer seu passado e pagá-lo com seu presente.
É proibido não tentar compreender as pessoas,
Pensar que as vidas delas valem mais que a sua,
Não saber que cada um tem seu caminho e sua sorte.
É proibido não criar história,
Deixar de dar graças a Deus por sua vida,
Não ter um momento para quem necessita de você,
Não compreender que o que a vida lhe dá também lhe tira.
É proibido não buscar a felicidade
Não viver sua vida com uma atitude positiva,
Não pensar que podemos ser melhores,
Não sentir que sem você este mundo não seria igual !

*Luiz Carlos Torres Martins - MFC JF
Professor e Cirurgião Dentista e Membro da
Academia Mineira de Odontologia*



ENQUANTO ISTO...

Oscavo Homem de Carvalho Campos*

A partir da celebração do Natal e das festividades do fim de ano, os CRISTÃOS QUE PROCURAM SER AUTÊNTICOS, passam a viver um tempo rico em realizações abençoadas. São eventos que se destacam com grande visibilidade, entre muitos, que envolvem a comunidade cristã: - Folia de Reis, semana santa, quaresma, celebração da páscoa, semana da família e outros.

Assim, 2018 tem se constituído em um tempo pródigo de realizações que objetivam ao alcance da unidade e da paz na Igreja e no mundo, graças ao esforço e a inspiração divina, visíveis no comportamento do Papa Francisco.

Segundo sua proposta, "Il nome di Dio è misericórdia", este é o tempo no qual a igreja deve mostrar o seu rosto materno para toda a humanidade ferida. Desta forma, a Igreja não está no mundo para condenar, mas para promover o encontro com AQUELE AMOR VISCERAL QUE É A MISERICORDIA DE DEUS. Para que isso aconteça, é necessário sair das igrejas e das paróquias e ir à procura das pessoas onde elas se encontram, onde sofrem, onde esperam. "Que isto sirva de lição para aqueles que desejam ser cristãos em construção de Igreja Doméstica".

Os cristãos CATÓLICOS APOSTÓLICOS ROMANOS vivem o ano nacional do laicato. Tempo de renovação e fortalecimento da ação missionária

e evangelizadora buscando o respeito à dignidade igualitária para o povo de Deus. Vendo, julgando e agindo os leigos e leigas realizam a Igreja Doméstica em saída promovendo a solidariedade, a verdade, a justiça e a paz e trabalhando em defesa da preservação do equilíbrio ambiental.

ENQUANTO ISTO, em pleno milênio das sociedades complexas, incide sobre o povo de Deus os ataques típicos da materialidade que suga, destrói, confunde e celebra mentiras como se estas fossem verdades absolutas. Sem que se possa identificar, na maioria das vezes, o nexo causal do que está sendo reproduzido sobre as pessoas e as famílias, com consequências funestas para as pessoas em convívio social. Senão vejamos:

- Crianças são violentadas e outras assassinadas por adultos irresponsáveis que não medem a extensão de seus atos;

- Homens e mulheres pressionam pelo direito, legalmente instituído, de exterminarem seres humanos em tempo de gestação;

- Milhares de refugiados, em situação de fuga de conflitos políticos, raciais, econômicos e ambientais pedem socorro sem serem ouvidos; pessoas desesperadas, de diferentes idades e de sexo se

acotovelam em barcos em busca de um mínimo de dignidade e morrem afogados ou como alimentos de tubarões;

- A exploração entre os seres humanos, uma amarga, crônica e histórica doença acaba por gerar a especulação a desonra, a corrupção, a imoralidade e a falta de ética entre as pessoas e as instituições. A sobrevivência a qualquer custo diminui o espaço da hegemonia da dignidade perdida pelo consumo de álcool, cigarro, prostituição e consumo de drogas;

- Não é possível que a morte de um idoso, vítima do frio, ou que o assassinato de um morador de rua queimado por terceiros não seja notícia de maior destaque como o é a queda de "UM OU DOIS PONTOS NA BOLSA DE VALORES".

- Não se pode ignorar o fato de que pessoas jogam comida no lixo enquanto milhões passam fome no mundo. Aqui, a cultura do DESCARTÁVEL faz do ser humano o grande e grave descarte, um produto de consumo que pode e deve ser usado para depois ser jogado fora, sem que se perceba, por qualquer sentimento dos "incluídos", os clamores dos que vivem "UM VERDADEIRO INFERNO EM VIDA".

Diante destas e de outras situações de muito maior gra-

vidade resta ao Cristão, que admira a proposta de conduta oriunda do Papa Francisco, para a construção de uma Igreja em saída:

- Lembrar que se em Igreja Doméstica um membro sofre, todos os outros sofrem com ele; A dor das vítimas é também de todos os cristãos conscientes, por isso é preciso ter o compromisso de garantir a proteção de menores e de adultos em situações de vulnerabilidade.

- Dar um basta a uma economia de exclusão. Exercitar a arte de dizer não a idolatria do dinheiro, que governa em vez de servir. Dizer não à desigualdade social capaz de gerar violência. "Recusar, com firmeza, a proposta de

que a ordenação atual é 'FIM DA HISTÓRIA'. A PROMOÇÃO DA DIMENSÃO SOCIAL DA EVANGELIZAÇÃO PODE SER PERCEBIDA COMO UM IMPERATIVO DE CONDUTA DE QUEM SE COMPROMETE COM A PRÓPRIA CONVERSÃO.

Inspiração bibliográfica:

- Evangelii Gaudium – Papa Francisco. – O Nome de Deus é Misericórdia. Papa Francisco. – Globalização: Desafios socioeconômicos, Éticos e Educativos. Marcos Arruda e Leonardo Boff. – Por uma outra Globalização. Milton Santos.

Informações coletadas na mídia.

* *Oscavo Homem de Carvalho Campos. Professor e Membro do MFC – JF.*

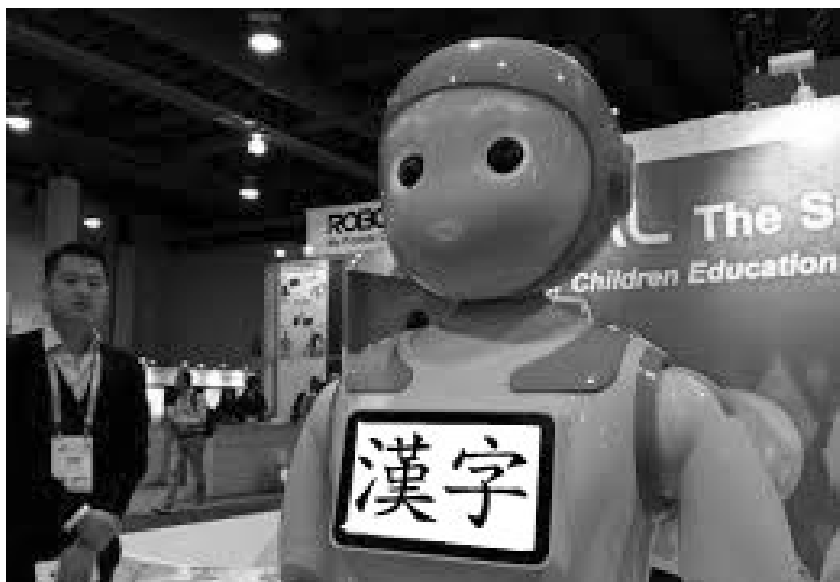
Iluminações do natal de Jesus (III)

Natal é nascimento. É narrativa sobre Deus que se fez um de nós, gente neste planeta Terra. As estreitezas de nossas vidas encontram em Jesus uma saída abençoada e um desfecho feliz.

A cena do presépio é a maneira que a cultura do povo cristão criou para dizer a alegria e a luminosidade de Deus que nasce criança, se fez história, Deus-conosco. Deus se chama presépio.

Pe. Dalton Barros





ESTAMOS PRESOS A UM TECNOCENTRISMO?

Ronaldo Lemos*

Entre os muitos papéis que a China tem desempenhado, alguns são inconspícuos. O país vem se tornando o celeiro da imaginação (já escrevi aqui que a melhor ficção científica hoje é chinesa). Isso é importante porque, como dizia Jules Michelet, "cada época sonha com a que virá a seguir, criando-a primeiro em sonhos". Quem sonha melhor é também mais capaz de projetar o futuro.

Mais do que o sonho, vem também de um pensador

chinês uma das visões mais originais e poderosas sobre como pensar a tecnologia a partir de uma perspectiva filosófica. O jovem Yuk Hui lançou há pouco um dos livros mais importantes sobre como pensar a tecnologia, chamado "A Questão da Tecnologia na China: um Ensaio sobre Cosmotécnica".

Nas últimas décadas, o avanço tecnológico foi visto com otimismo: uma força universal, objetiva e pouco problematizada, capaz de fazer avançar nossa capacidade de

agir coletivamente, levando ao progresso da cultura, da democracia, da política ou do pensamento científico.

No entanto, as coisas não foram bem assim, e há uma guinada de percepção em curso, bem detectada como premissa por Yuk Hui. A tecnologia vem se mostrando uma força de atomização, que dissolve o coletivo em individualidades cada vez menores e particulares.

A fim de enxergar a tecnologia para além das suas próprias regras, Yuk invoca a busca por uma nova cosmologia, o que permitiria a construção de um olhar “de fora” que coloque a técnica em seu devido lugar, qual seja, de apenas mais um dos elementos da existência. Essa ideia de “cosmotécnica” é libertadora.

O Ocidente vem caminhando em direção a um tecnocentrismo. Que se revela em ideias como a “singularidade”, vendida como evento inevitável para o qual todos devemos nos preparar. Ou, na visão de pensadores como Danny Hillis, para quem o Iluminismo (Englightment) teria sido substituído pelo que ele chamada de Entrelaçamento (Entanglement). Nesse “Entrelaçamento” estaria surgindo uma nova natureza técnica incompreensível para a humanidade – exemplificada pela inteligência artificial- que

deslocaria o ser humano para um papel secundário.

Em outras palavras, enquanto o tecnocentrismo prega uma capitulação diante da técnica (tal como a no caso da singularidade ou do entrelaçamento), a articulação de Yuk Hui é no sentido oposto, de fuga desse tipo de determinismo.

Faz sentido. As múltiplas crises provocadas pela tecnologia (do “fakenews” à alta da desigualdade) demandam pensamento novo sobre nossa relação com ela. Nas palavras da cientista americana Dana Meadows, o lugar mais eficaz para interferir em um sistema é o “poder de transcender paradigmas”. Todas as outras estratégias – como mudança nos objetivos do sistema, nas regras que se aplicam a ele, sua estrutura ou evolução – são menos relevantes.

Sem um pensamento novo que permita sonhar além da tecnologia, a capitulação torna-se mesmo inevitável. Assim como a lua de Campos de Carvalho, o melhor pensamento crítico à tecnologia também vem da Ásia.

*Ronaldo Lemos é advogado,
diretor do Instituto de
Tecnologia e Sociedade do
Rio de Janeiro (ITSrio.org).*

*Mestre em direito por Harvard.
Pesquisador e representante
do MIT Media Lab no Brasil.*

Transcrito da Folha de São Paulo



Bráulio Bessa

*Na lavoura desta vida
Desde cedo eu pelejei.
Recordo toda semente
Que na terra eu sepultei,
E tive que aprender
Que eu só podia colher
Da árvore que plantei.
Não sou culto nem letrado
Vermelho, falo “ver meio”,
Caminho de pé no chão
E nunca achei isso feio.
Feio é quem não aprendeu
A cuidar do que é seu
E cobiçar o alheio.
Todo dia eu peço a Deus
Saúde para trabalhar,
Que me dê sabedoria
E coragem para lutar
E que eu perceba, sim,
Que só vem até mim
Aquilo que eu for buscar.
Aquilo que tem valor
Dinheiro não vai comprar
Sentimentos, atitudes,
Histórias pra se contar.
Todo o resto é passageiro
E no dia derradeiro
Ninguém consegue levar.
E olhando pro espelho
Refletindo a consciência,
É que a gente descobre,
Sem precisar de ciência,
Que caráter e honestidade
Vem de dentro da essência.
Aprendi que muito cedo*

*O cabra já é testado
pois tem sempre dois caminhos,
frente a frente, lado a lado, I
e a gente tem que escolher
a estrada a percorrer
E o caminho a ser trilhado.
Eu já vi muita família
passando por precisão,
cinco, sete, até dez filhos
Na seca lá do sertão
no meio da desigualdade
vencendo a dificuldade
Sem nenhum virar ladrão.
Que eu não sinta inveja
da riqueza de ninguém.
E se um dia eu enriquecer
que eu não esqueça também
que, grã-fino ou da ralé,
a gente é o que é,
E não aquilo que tem.
Será mesmo que compensa
ter barco, moto e carrão,
ter conforto e segurança
Morando numa mansão
mas quando olhar no espelho
dar de cara com um ladrão?
E é justo essa essência
que mostra a nossa beleza,
seja o cara rico ou pobre,
plebeu ou da realzeza.
Ter na conta honestidade
É nossa maior riqueza.*

Iluminações do natal de Jesus (IV)

Presépio. A gruta de Belém. O refúgio dos animais. Gruta evoca o mistério do mundo interior de cada um de nós. Nossa subjetividade oculta. Deus em nossa gruta. Ele nos acolhe para sermos seu suave sonho de eternamente filhos e irmãos, vivendo já este céu na argila e no espírito.

Há a gruta e ha uma estrela-guia. É a convocação a sermos luz no caminho. Para tanto, quem descobre e vive sua vocação no mundo ganha sabedoria de viver pois ganha luz para seu caminhar. Tem uma estrela-guia para não cessar de buscar Deus a Divina Criança em nós, em nossa gruta.

Na gruta de Belém descansavam animais. O boi e o burro. As ovelhas e os cães de guarda. São nossos impulsos, nossas tendências. Reparem os ouvintes na serventia desses animais. E pensemos em igual serventia de nossas pulsões que vivem em nossa condição de corpo. Os animais são como nossa sensualidade, nossa sexualidade, nossos sentimentos e nossas emoções que nos impulsionam ora nesta ora naquela direção.

As ovelhas sobretudo dizem muito do que podem significar a qualidade do rebanho que são nossos sentimentos e nossos desejos bem educados. Precisamos manter contato com esses nossos animais. Eles nos fazem ir muito longe. Cuidar destes bichos para bem educá-los como coisa nossa. Somos afetos, sentidos, desejos. Não podemos riscar de nossas vidas esta riqueza.

É próprio do pastor a vigilância e o cuidado. Alimenta o rebanho, estabelece os limites. A nós cabe sermos Pastor de Ser, do nosso jeito de ser. Pastores de nós mesmos. E com os outros sermos como Jesus que se definirá o BOM PASTOR.

Pe. Dalton Barros



NOTA PÚBLICA DA CPT

A Comissão Pastoral da Terra (CPT) em Rondônia manifesta, em Nota Pública, o seu pesar pela Páscoa de Dom Antônio Possamai, bispo emérito de Ji-Paraná e um dos fundadores da Pastoral. “Em vida enfrentou muitos desafios com uma força inabalável que só poderia vir de Deus. Nunca se deixou contaminar pelos projetos dos poderosos e gananciosos desta terra. Seu horizonte, profundamente evangélico, seja a nossa causa”, destaca trecho do documento. A imagem acima, do fotógrafo Joka Madruga, mostra o religioso no IV Congresso da CPT em Rondônia no ano de 2015. Confira a Nota:



A vida dos justos está nas mãos de Deus, nenhum tormento os atingirá. Aos olhos dos insensatos pareceram morrer, mas eles estão em paz!

Quando ainda em vida Martin Luther King imaginou o próprio ritual fúnebre. Neste, após solicitar que não se fizessem longos discursos, explicitou o que realmente gostaria de ouvir:

Eu gostaria que alguém mencionasse aquele dia em que

- * Eu tentei dar minha vida a serviço dos outros;
- * Eu tentei amar alguém;
- * Eu tentei ser honesto e caminhar com o próximo;
- * Eu tentei visitar os que estavam na prisão;
- * Eu tentei vestir um mendigo;
- * Eu tentei amar e servir a humanidade.

Sim, se quiserem dizer algo, digam que eu fui arauto:

- * Arauto da justiça;
- * Arauto da paz;
- * Arauto do direito. (....)

E isto é tudo o que eu tenho a dizer: se eu puder

- * Ajudar alguém a seguir adiante;
- * Animar a alguém com uma canção;
- * Mostra a alguém o caminho certo;
- * Cumprir meu dever de cristão;
- * Levar a solução para alguém;
- * Divulgar a mensagem que o Senhor deixou então, minha vida não terá sido em vão.

As palavras são de Martin Luther King, mas se aplicam perfeitamente a Dom Antônio. Exatamente um ano depois da páscoa de Dom Geraldo Verdier (+22/10/2017), pastor emérito da Diocese de Guajará-Mirim, seu amigo Dom Antônio Possamai (+27/10/2018), bispo emérito de Ji-Paraná, também foi morar na casa do Pai.

Seu corpo deixou a existência terrena. Não! Ninguém se desespera! Ele continua vivo e presente em cada um de nós. Está nas sementes que graciosamente lançou no chão da nossa vida. Não temos dúvidas: ele contribuiu para que cada um de nós fosse o que é, talvez um pouquinho melhor, quem sabe mais comprometido, com uma fé mais firme, com a esperança fortalecida e a caridade como guia. Ninguém poderá negar que, na vida de muitos e muitas, Dom Antônio acendeu luzes, fez renascer a esperança, engendrou coragem e ousadia, fortaleceu a fé e o compromisso com a causa dos pobres, do campo e da cidade. O Reino de Deus sempre foi o seu horizonte. A luta pela vida digna, de todos e todas, a razão da sua fé.

Assim como Jesus que na hora de retornar ao Pai confiou a seus discípulos a obra iniciada e inacabada, Dom Antônio, que aqui nos reúne, coloca em nossas mãos o seu testamento. Sentiremos a sua falta, mas também experimentaremos a sua presença, a força da sua fé no Deus da Vida, a teimosia do seu engajamento com a causa dos pequenos, marginalizados, excluídos, injustiçados, caluniados, discriminados e violentados. Entrega nas mãos de cada um de nós tudo o que ele foi e quis ser, tudo o que ele semeou, tenha ou não germinado.

Em vida enfrentou muitos desafios com uma força inabalável que só poderia vir de Deus. Nunca se deixou contaminar pelos projetos dos poderosos e gananciosos desta terra. Seu horizonte, profundamente evangélico, seja a nossa causa.

"...mais uma estrela brilha no céu, com esplendor de uma lua. Sua luz resplandecerá em todas as nações. Temos a certeza que a semente foi plantada e que muitas já estão dando frutos e estes frutos se tornarão alimento para nossas almas."

Dom Antônio Possamai! Presente na caminhada do Povo!

O corpo não pode viver sem respiração, e o espírito não pode viver sem o amor

Osho



Iluminações do Natal de Jesus (V)

Nestes tempos de festejos natalinos os carteiros de todo o mundo andam entregando mensagens. Há também o correio eletrônico que passa de amigo a parceiros,

*Quem inventou o cartão de Natal é um ilustre remete-
tente. Nós o chamamos por seu nome mais comum: Deus.
O primeiro cartão de Natal dizia: “Paz na terra a todos
os humanos a quem Deus quer bem e lhes quer todo bem.
Paz aos amados de Deus.*

*O remetente deste cartão queria entrega rápida e de
qualidade. Lucas, o evangelista que narra e pinta este
quadro do nascimento de Jesus descreve que os anjos
foram escolhidos para acordar os pastores. E faz uma
observação pertinente: era uma boa notícia e capaz de
gerar uma grande alegria.*

*Assim, os mensageiros escolhidos cruzam os céus nos
campos de Belém onde os pastores vigiavam seus reba-
nhos. E até uma estrela rara fora enviada, antes, bem
longe dali, a sábios buscadores do mistério humano e da
presença divina salvadora.*

*Com notícia tão alvissareira é bom cantar: Glória a
Deus no mais alto dos céus e paz na terra a homens
e mulheres a quem Ele quer todo bem.*

Pe. Dalton Barros



Daniela Arbex*

O olhar perdido, captado na foto preta e branca da atriz Carolinie Figueiredo, chama atenção. Na imagem sensual, a mulher mostra bem mais do que a blusa aberta exibe. Linda na publicação, ela sofre da angústia de ser ela mesma. Aos 29 anos, Carolinie é um retrato de todos nós. Ao revelar em seu post no Instagram toda a pressão que sofre para gerar conteúdos, ela desabafa: “ando recolhida e a pressão por gerar conteúdo é tão grande que tenho medo de ser esquecida quando chego em lugares de vazios e pausas. Continuarei sendo vista quando eu tiver em suspensão, imersa em processos? Diga, sim, se você quer continuar recebendo meus posts, porque a sensação é que vou sumir aqui, no silêncio. Diga que você me vê mesmo nesses momentos que estou desviando o foco de mim. Diga também se tudo bem seu corpo ser assim como ele é. Lua

carolinie_figueiredo “Tem tanta falta dentro de mim que uso essas estratégias antigas pra chamar atenção”. Reflexões sobre a lua minguante por @raelbarja

Carregar mais comentários

Linda ❤️
Para de ser linda 😊😊
❤️
Compartilhe sempre conosco sua beleza. 🌸🌸🌸🌸🌸
Lindaaaaaa. Uma foto melhor que a outra.
Yes yes beautiful beautiful
Maravilhosa! 🥰🥰
Sobra tanta falta!

livaniaaraújo maravilhosa é ela! 🌸🌸



cheia chegando e eu aqui expandindo de dentro pra fora”, escreveu a mãe de dois filhos que há cinco anos está congelada em espera. Seu último papel na telinha foi em 2013.

Ver Carolinie foi como em -xergar a proximidade do abismo que nos espera. Re-duzidos a likes e a aprovação do outro nas redes sociais, estamos nos tornando uma mera representação de nós mesmos. Precisamos parecer bonitos na internet, saudá-veis, bem sucedidos, amados, engraçados, admirados. Tudo em nome de uma popularidade medida por cliques na tela. Se os seguidores curtem mais nos ver em determinadas situações, repetimos a dose para alcançarmos outro post bombástico. E seguimos, assim, viciados na droga que é não saber quem somos. Alimentados pelo desejo insaciável de sermos reconhecidos.

Ao criarmos momentos para serem compartilhados, invejados, abrimos mão do que é real. A sensação que tenho é

que se não registramos nossas experiências nas redes é como se nós não as tivéssemos vivido. E se ninguém souber onde estamos é como se estar lá tivesse menos significado e, pior, se quem está conosco importasse menos do que um desconhecido que está sempre pronto a apertar o botão de reação.

Quando eu era garota, muito antes da internet existir, havia uma piada machista contada no auge do sucesso da Xuxa. Os meninos diziam que de nada adiantaria estar em uma ilha deserta com a superstar se não houvesse com quem comentar sua façanha. É duro constatar que hoje nos comportamos

como os meninos da piada infame. Precisamos de platéia para existir. Precisamos ser vistos, mesmo que os outros enxerguem apenas uma construção de nós mesmos.

Experimente desligar o celular, o computador, o tablet e viver com você mesmo por um dia. Sem piadas, sem encenações, longe das curtidas das redes sociais. Será que conseguiremos conviver com quem somos? Espero que sim, porque há urgência em nos resgatarmos.

** Daniela Arbex é
Jornalista e escritora*

*Transcrito do Tribuna de Minas.
Edição de 1º julho 2018, p. 5*

Como vidros em corte,
com as cores no chão...
Dou um beijo na morte,
embalo a dor com a mão.
Repasso o nariz de palhaço
aos atores da vida...
cantando o espetáculo que faço
a cada trilha vencida...
Com o cenário no mundo,
vejo as águas e os rios...
É o mergulho profundo
nos caminhos frios
Vejo a morte criança...
nas calçadas ensolaradas.
Renasço com a doce lembrança
das cirandas ressuscitadas...

*Jorge Leão
MFC - São Luis (MA)*

Caminhos da vida..

Família ideal?



Deonira La Rosa*

Lendo Flavia Mazeiin-Salvi (jornalista especializada em psicologia) no site Psychologie, supus que os leitores pudessem interessar-se pelo tema "idealização da família". O texto inclui reflexões da psicanalista Claude Halmos e outros. Em tradução livre e alguma adaptação, apresento suas reflexões:

A FAMÍLIA DOS SONHOS

Todos temos em mente uma família dos sonhos. Diferente para cada um, ela gira sempre em torno de quatro fantasmas: convivência harmoniosa, comunicação fluída, autoridade preservada e alegria pessoal.

Por mais que saibamos que a família ideal não existe, não renunciamos àquela de nossos sonhos, ela flutua em algum lugar, entre o inconsciente e o

consciente, carregada de virtudes como confiança, solidariedade, tolerância, bem-estar, convivabilidade e alegria. Cada qual a modela segundo suas vivências e tenta fazê-la viver segundo suas ambições:

O ideal é necessário, é um motor, é o que nos faz avançar na vida. Mas as dificuldades sobrevêm quando ele é muito elevado e exigente. Como hoje em dia as exigências vêm crescendo, a família está em alta, ela tomou-se o melhor refúgio onde encontrar o bem-estar. Enquanto o mundo se toma sempre ameaçador, a família aparece como o recanto de proteção. E é por isto que a queríamos singularmente calorosa, pacífica e, sobretudo, sem falhas.

Entretanto, muitos pais são também influenciados pelos ideais contemporâneos baseados no culto ao individualis-

mo, ao prazer e à competição. Ideais que podem tomar-se extremamente tirânicos. Não por acaso especialistas recebem em seu consultório pais que se sentem incompetentes e um tanto amargos.

Surge então a necessidade de identificar as crenças e fantasmas que impedem as crianças de se construírem e os pais de fazer o trabalho que é seu, sem culpa excessiva nem dúvidas devoradoras.

"Em nossa família todos se amam"

Talvez a primeira tradução da família ideal seja "Todos se amam. A colaboração é harmoniosa, a ternura, o respeito e a cumplicidade reinam, fazendo do cotidiano um pequeno oásis de paz".

Esse ideal repousa sobre um erro de julgamento. Porque cada um sabe que os sentimentos são sempre ambivalentes, que a rivalidade faz parte do amor familiar, assim como a cólera, a inveja... Querer negar esta dimensão dos seres humanos é viver em desacordo total com suas emoções, e isto enlouquece. Na família, duas necessidades se opõem sem cessar: aquela do outro e aquela de ser autônomo. Este movimento de balancear os extremos deve poder fazer-se sem censura e nem autocensura. Ele é às vezes conflituoso, doloroso, mas

ele constitui a indispensável aprendizagem da separação: uma vez muito perto, outro dia muito longe. Por fim, um dia, encontramos a boa distância, o equilíbrio.

Ouvimos "meus filhos são muito simpáticos". Como se a família fosse um clube fundado sobre a afinidade de seus membros. Não temos que amar os filhos por sua simpatia, temos o dever de transmitir-lhes regras e a melhor vida possível. Não esqueçamos que um filho simpático pode transformar-se em não simpático. Cessaremos então de amá-lo?

"Todos se falam e se escutam. Portas não batem, não há gritos, nem estresse"

Este seria um segundo ideal, mas como os conflitos se desenvolveriam em um tal meio?

Hoje em dia o conflito é vivido como uma ameaça, então evitamos o que pode ser fonte de desacordo: negociamos, seduzimos, escondemos, mentimos, mas não confrontamos. E um mau cálculo, - porque o conflito permite a cada um ser reconhecido em sua função e em seu valor. Cada conflito contido nutre uma violência subterrânea, que acabará explodindo ou voltando-se contra si mesmo.

Os profissionais constatarem que, para a maior parte dos pais, bem comunicar significa falar muito. E o novo mal do

século. Muitas palavras, muitas explicações, muitas repetições terminam por conseguir o contrário do resultado esperado: os filhos não entendem mais nada. Uma comunicação fluída passa também pelo não-verbal, gestos, atos, silêncio, presença. Uma família é como um casal, não há necessidade de tudo dizer, o tempo todo.

A não transparência é uma marca necessária da diferença entre gerações. Os pais vivem a intimidade emocional e verbal com seus filhos como prova de uma verdadeira cumpli-

cidade entre eles. As crianças e adolescentes, por sua vez, sentem-se aprisionados nessa relação, alguns chegando ao extremo (drogas, automutilação...), traduzindo sua necessidade de separar-se. Os conflitos lhes permitiriam ter mais oxigênio.

Bom seria afrontar-se no conflito, percebendo-o como normal e, logo a seguir, ficar em paz e harmonia com todos os envolvidos, sem cobranças.

* Deonira La Rosa é
Terapeuta de Casal e Família.
Mestre em Psicologia

Iluminações do Natal de Jesus (VI)

Aqueles pastores, gente muito simples e às vezes de fama duvidosa, aqueles pastores cada noite olhavam o céu. Olhavam as estrelas, considerando. Era o firmamento o teto deles e de lá vinha a luz da lua, as estrelas conselheiras do bom desejo. De lá podiam vir a neve, a tempestade, os ventos e a chuva. Era vigiar para bem cuidar do rebanho.

Hoje poucos olham para o céu. Nos arranhas-céus das grandes cidades, cada vez mais altos, as pessoas vão se distanciando mais e mais do reino-dos-céus.

Ouvintes, Natal é olhar para o céu. De lá nos vem a salvação. Natal é levantar a cabeça pois somos visitados por Deus e nos cabe hospedar em nós a Divina Criança, Jesus, nascido de Maria.

Pe. Dalton Barros





JUSTIÇA, TRABALHO ES CRAVO E VIDA HUMANA.

Oscavo Homem de Carvalho Campos.

Em publicação datada de 16 - 10 - 2018, no Diário Oficial da República Federativa do Brasil, a portaria nº1129 dispõe sobre o conceito de TRABALHO FORÇADO, JORNADA EXAUSTIVA E CONDIÇÕES ANÁLOGAS À DE ESCRAVO. Este documento provocou muitas reações da sociedade civil, provavelmente, pelos envolvimento de ordem política e econômica, acabando por merecer, do SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, uma liminar, em relação à qual cabe recurso, suspensiva dos efeitos da portaria.

CONSIDERAÇÕES EM RELAÇÃO AO FATO:

A portaria seria mais uma, apenas, entre as milhares existentes, normatizando as atividades humanas, não fosse a opinião da Ministra, então presidente do STF, segundo a

qual a nº1129 tem como provável efeito prático a "CHAGA DO TRABALHO ESCRAVO" no Brasil atual. De outra forma, os argumentos em torno deste fato têm omitido se houve pressão de alguém ou sobre os propósitos de tal artifício.

Vale destacar, em relação a esta temática, que as pessoas comuns, membros da grande parcela da população CONHECIDA COMO POVO DE DEUS, MAIS UMA VEZ FICA EVIDENTE A DISTINÇÃO A JUSTIÇA LEGAL E A JUSTIÇA JUSTA. No primeiro caso, ocorre a justiça dos seres humanos. Embora ela tenha seu mérito, tem o alcance limitado, pois: - Ela é culturalmente limitada pela história, pelo pensamento, pelos atos e pelos sentimentos de cada grupo nacional existente e disperso pelo mundo. Além do mais, hegemonicamente representa os interesses de

pequenos grupos ou de indivíduos dominantes, objetivando a própria perpetuação no poder, graças ao controle e ao domínio dos direitos, da fé e esperança da maioria da população que quase já não os tem.

Muitas vezes a imprensa tem se reportado a JUSTIÇA LEGAL para demonstrar a reprodução de situações de crise na saúde, educação, moradia, locomoção e das mais diversas tragédias e da preocupação com a solução das mesmas, desde que os sofrendores, os marginalizados da estatística da exclusão assim continuem. SÓ ASSIM OS POUCOS INCLUÍDOS, NAS MAIS DIVERSAS FORMAÇÕES SOCIAIS CONTINUAM COM AS MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA.

Com relação ao que chamamos de JUSTIÇA JUSTA, ASSIM ENTENDEMOS AQUELA QUE REGE O UNIVERSO é a promotora da unidade na diversidade das coisas e dos seres. Tem sua origem no criador do universo, a quem os cristãos chamam de Deus. É a justiça justa, uma vez que é centrada na relação equilibrada de direitos e deveres, no respeito à igualdade de dignidade, no culto da liberdade responsável, no amor ao próximo e à natureza, "principalmente em relação a nossa casinha a terra".

É a JUSTIÇA JUSTA QUE DEVE SER UMA DAS FONTES

DE INSPIRAÇÃO DO Papa Francisco quando fala de MISERICÓRDIA DE DEUS. É pela realização dela que Jesus entregou sua vida aos algozes justiceiros acorrentados e prisioneiros da materialidade humana. É ela que nos liberta para a plenitude da felicidade e da beleza universal.

Para que o ser humano chegue a exercitá-la, pelo menos parcialmente, é preciso exercitar a sabedoria que vem de Deus, com o ensinamento do VERBO ENCARNADO.

Ao exercitar a sabedoria É preciso ver a realidade como ela de fato é, ultrapassando os limites da aparência e dos sentimentos pessoais subjetivos, verdadeiros caminhos para a imbecilização e a transformação de populações nacionais em massas humanas submissas e escravas de caprichos pueris do consumismo, gerando muitas vezes a dependência e a morte.

Também é necessário que o senso crítico que permite a caminhada segura de construção da cidadania em uma situação social de ética, honorabilidade, competência e de justiça distributiva gerando, continuamente o bem comum e a necessária sensação de bem estar.

Sem a justiça justa o trabalho e a vida escrava que supervaloriza o preconceito, a violência, a corrupção, a dita-

dura do ter, a competitividade extremada, os vícios e o lazer pelo lazer são algumas reproduções de escravidão do corpo e da alma no século XXI.

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS:

As relações entre justiça, trabalho e escravidão entre os seres humanos sugerem uma continuada reflexão sobre o status e o exercício do papel dos seres humanos em família, comunidades de vizinhança, trabalho, educação enfim, na sociedade no sentido mais amplo. Afinal, é chegado o tempo de se construir uma nova

sociedade. Chega de se aceitar a escravidão da vontade e da própria vida. É CHEGADA A HORA DE SE FORTALECER A FÉ NA VIDA REAL E DE SE RECRIAR AS CONDIÇÕES DE ESPERANÇA EM UM MUNDO MELHOR, CONSTRUÍDO PELO POVO DE DEUS, RICO PELA MISERICÓRDIA DIVINA.

CHEGA DE SE ACREDITAR NAS ELITES FALIDAS DE SENTIDO SOCIAL E EXPLO-RADORAS POR SUA PRÓPRI NATUREZA.

*Oscavo Homem de Carvalho
Campos é Professor e
membro do MFC-JF.*



Recebi de um amigo querido um escrito dele que releio a cada Natal. Uns trechos para você. O amigo escritor é Leonardo Boff.

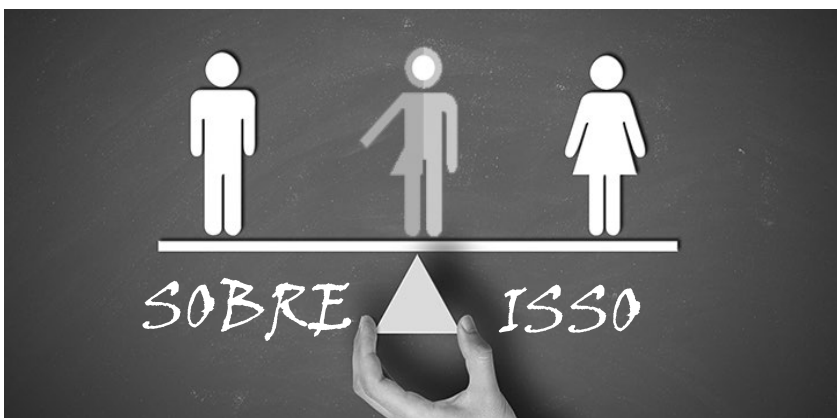
Se vocês olharem para o alto e virem a estrela cadente e recordarem que sempre há uma estrela sobre vocês, acompanhando-os, iluminando -os, mostrando-lhes os melhores caminhos.

Então saibam que eu estou chegando de novo e renovando o Natal. Estarei sempre perto de vocês, caminhando com vocês, chorando com vocês e brincando com vocês até Aquele dia em que chegaremos todos - humanidade e universo - na Casa do Pai e Mãe de Bondade para sermos juntos eternamente felizes

FELIZ E ABENÇOADO NATAL

Pe. Dalton CSsR

TODO MUNDO PRECISA FALAR



Ana Paula Lisboa*

Eum tanto confuso quando a gente discute representação, representatividade ou lugar de fala e isso se confunde com “só quem sofre pode falar sobre isso”. Claro, em certos debates e lugares de decisão “a pessoa que sofre com isso” precisa, sim, ter fala e sua “legitimidade” sobre o tema consideradas. Por exemplo, debates sobre cultura, educação e saúde pública e segurança precisam trazer para o centro das discussões as pessoas que usam esses serviços de verdade, no dia a dia. Não dá para debater juventude sem jovem, favela sem favelado, maternidade sem mulher.

Ao mesmo tempo, é importante que todas as pessoas minimamente estejam dispostas a falar sobre racismo,

feminicídio, machismo, homofobia, e não só os oprimidos. Sendo essa uma questão de todos, ou que pelo menos deveria ser, todo mundo precisa falar sobre isso.

Eu nunca apanhei e não me orgulho. Mas percebi que é difícil falar sobre essa dor física (e emocional) quando meu corpo nunca a sentiu. Mais difícil foi aceitar a missão de mediar uma roda de conversas toda feminina, com representantes das polícias civil e militar, judiciário, defensoria pública, promotoria pública, mulheres que além de pensarem sobre si, pensam as outras mulheres.

Era o lançamento do “Dossiê Mulher 2018”, em que são apresentadas estatísticas e análises sobre a violência contra a mulher elaboradas a partir dos dados oficiais do es-

tado do Rio de Janeiro, o único estado brasileiro com esse tipo de análise. O objetivo é ampliar a compreensão do problema e aumentar a efetividade das soluções propostas, para que todo mundo fale sobre isso.

Mas quando a major Cláudia me fez o convite estranhei meu corpo representante da sociedade civil ocupar esse lugar. Na verdade o primeiro estranhamento foi receber um convite de uma policial militar. Para quem viveu em favela a vida inteira e entende que a missão da polícia não é ser pacificadora, e sim trabalhar em conjunto com outros setores para a melhoria de vida nas comunidades, é difícil permanecer aberta a convites, lembrar que as instituições são feitas por pessoas.

Mas Cláudia me olhou no olho e disse: "Ana, uma mulher negra tem o dobro de chances de uma mulher branca de morrer no Rio de Janeiro. Eu posso falar sobre isso, mas eu acho que você pode dizer também." E Cláudia poderia dizer mesmo, mais tarde a gente se reconheceu como par: um irmão assassinado, uma cunhada grávida de 8 meses, cria de favela, filha de uma empregada doméstica. Se a gente fizesse a experiência de contar nossas histórias sem usar a nossa imagem, você não saberia quem

é quem. Encontrar seus pares gera afeto.

Eu já estava mesmo pensando sobre o equilíbrio necessário entre aceitar a missão de ser quem se é e ao mesmo tempo viver livre das cobranças. Se for só o primeiro a gente adocece. Se for só o segundo a gente deslumbra.

E como não enlouquecer quando os dados mostram "que as mulheres continuam sendo as maiores vítimas dos crimes de estupro (84,7%), ameaça (67,6%), lesão corporal dolosa (65,5%), assédio sexual (97,7%) e importunação ofensiva ao pudor (92,1%). Boa parte dos crimes contra as mulheres é cometida por pessoas com algum grau de intimidade ou proximidade com a vítima, ou seja, são companheiros e ex-companheiros, familiares, amigos, conhecidos ou vizinhos". E quem está falando sobre isso?

O ponto mais importante daquela tarde foi Kátia, uma mulher trans e negra, reivindicando a contagem da sua violência, a contagem dos seus corpos. Porque se não existem dados, não existe visibilidade e, sem visibilidade, não há política. "Visibilidade é um direito que dispara outros."

O escritor moçambicano Manuel Mutumucuo, que também conheci esses dias, dis-

se numa mesa se sentir surpreso ao saber que no Brasil a gente faz festa literária só para autores negros, mais que isso, que, ao preencher documentos, responder pesquisas, a gente assinala nossa raça. Respondi a Manuel que isso é realmente estranho, mas é só assim que a gente consegue contabilizar os corpos dos sete a cada dez jovens assassinados no Brasil serem negros, das duas a cada três mulheres vítimas de homicídio no Rio de Janeiro serem negras. Só assim a gente fala sobre isso.

Mas enquanto “raça” é há tempos um espaço a ser assinalado, “gênero” ainda continua sem sua devida caixinha, usamos “sexo” como a palavra que define quem somos, a partir do seu órgão sexual. Até mesmo a Lei do Feminicídio sofreu alterações antes da aprovação, e a palavra

“gênero” foi substituída pela expressão “condição do sexo feminino”. Onde estão todos falando sobre isso?!

Sendo assim, onde é que a gente contabiliza a morte das pessoas não binárias, que entendem sua existência para além do que é ser homem ou ser mulher? Enquanto a questão de gênero e a violência de gênero ainda são tabus, enquanto a palavra “gênero” nem pode ser escrita numa lei, Matheusa Passareli, aluna de artes de visuais da Uerj, é assassinada aos 21 anos, e a família nem mesmo um corpo tem para enterrar. A média da expectativa de vida de um brasileiro é de 75 anos, os negros, em média, vivem cinco anos a menos, uma pessoa trans no Brasil só chega até os 35 anos, e todo mundo precisa falar sobre isso.

Transcrito de O Globo

Quando se vive plenamente o momento, o tempo não se torna inimigo, e se descobre estar dentro dele.

Anselm Grifo





Por que direitos humanos?

Ivo Lesbaupin*

Se você defende a liberdade, você defende os direitos humanos;

Se você defende a vida, você defende os direitos humanos;

Se você é a favor da democracia, você é a favor dos direitos humanos;

Se você defende a liberdade de expressão, de opinião, de manifestação, você defende os direitos humanos;

Se você é contra a tortura, você é a favor dos direitos humanos;

Se você é contra o preconceito e a discriminação, você é a favor dos direitos humanos;

Se você é contra o poder arbitrário, o comportamento arbitrário, a justiça parcial, você defende os direitos humanos;

Se você é a favor da vida digna, do direito ao trabalho, ao salário justo, ao direito de defender estes direitos, você é a favor dos direitos humanos;

Se você acha que todos devemos ter acesso à saúde, à educação, à assistência social, você é a favor dos direitos humanos;

Se você acha que todos os seres humanos são iguais em direitos, você é a favor dos direitos humanos.

Agora,

Se você é a favor da prisão arbitrária, você é contra os direitos humanos;

Se você é a favor da tortura, você é contra os direitos humanos;

Se você acha que os seres humanos nascem com direitos diferentes, por causa de sexo, cor, etnia, você é contra os direitos humanos;

Se você acha que pessoas podem ser discriminadas por causa de seu pensamento ou opinião, você é contra os direitos humanos;

Se você acha que algumas pessoas ou grupos podem mandar sobre a maioria, em virtude de algum privilégio, sem que a maioria os tenha escolhido, você é contra os direitos humanos.



No passado, os direitos humanos apareceram como os direitos dos habitantes de um determinado território de não se submeterem às arbitrariedades de um rei, que poderia se tornar tirano sobre os demais.

No passado, os direitos humanos apareceram como uma defesa do direito a pensar diferente, a liberdade de consciência, para evitar que uma religião pudesse ser imposta a todos os demais.

Os direitos humanos se afirmaram, no final do século XVIII, como resultado da Revolução de Independência nos Estados Unidos e da Revolução Francesa: diferentemente do que ocorria antes, a partir de então se deveria dizer “todos os homens nascem livres e iguais em direitos”.

Mais recentemente, os direitos humanos foram uma reação à barbárie da Segunda Guerra Mundial, uma afirmação da igualdade de todos os seres humanos, da liberdade de pensamento, uma defesa da vida e da dignidade, uma defesa do trabalho, da saúde e da educação de todos, o direito à participação e à busca

coletiva por seus interesses. Foi a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948).

Antes dos direitos humanos, só tinham direitos os mais fortes, os ricos, os poderosos. Só eles tinham proteção, só eles tinham educação, só eles tinham saúde.

Os direitos humanos surgem das lutas das majorias e das minorias para serem respeitados, para serem considerados, para poderem ter vida e vida digna. A partir da afirmação dos direitos, todos podem ser livres, pensar, opinar, se expressar publicamente e ter condições de vida dignas: trabalho, saúde, educação, transporte e assim por diante. E ninguém pode oprimir o outro, torturar outro, prender outro arbitrariamente. E ninguém é mais que o outro, por suas roupas, por sua profissão, por seu cargo, por sua riqueza.

O dever de todo governo é garantir a todos seus direitos, à vida, à liberdade, à livre expressão, ao trabalho, à saúde, à educação, à organização em defesa de seus direitos.

*Ivo Lesbaupin é Sociólogo,
membro do ISER*



*Quem não tem coração puro
jamais alcançará a Deus
Gandhi*

Paradoxo da democracia



Oscar Vilhena Vieira*

A erosão da democracia pela vontade da maioria é uma antiga preocupação do pensamento político ocidental. O que fazer quando a maioria erra, perguntava Jean-Jacques Rousseau; ou ainda, quão tolerantes devemos ser com os intolerantes, indagava Karl Popper.

A ascensão de Hitler ao poder, em 1933, por intermédio do voto, agregou dramaticidade a esse paradoxo da democracia. Fazendo uso de suas atribuições, Hitler aprovou, em 1937, a famigerada Lei de Habilitação que, entre outras medidas, retirou do Judiciário a atribuição de controlar a validade dos atos

e leis por ele propostos. A Constituição de Weimar foi, assim, “legalmente” desconfigurada e as consequências todos conhecemos.

Difícil crer que o Judiciário teria sido capaz de barrar, por si só, um movimento tão violento e perverso como o nazismo. Isso não significa que as cortes e outras instituições de controle e aplicação da lei não possam e devam desempenhar um importante papel na proteção da democracia, contra aqueles que a ameaçam.

As traumáticas experiências do totalitarismo, do colonialismo e da segregação racial, assim como dos regimes autoritários, que assombraram o século 20, levaram

a que muitos processos de transição culminassem com a adoção de robustas garantias constitucionais, voltadas a proteger a democracia contra tentações autoritárias.

Além da adoção de densas cartas de direitos, que devem ficar a salvo da vontade da maioria, diversas das constituições formuladas nas últimas décadas, a começar pela Constituição alemã, de 1949, conferiram aos tribunais a incumbência de proteger as pré-condições do regime democrático. Alguns desses tribunais receberam, inclusive, o poder de declarar inconstitucionais emendas que violem regras e princípios básicos do Estado democrático de direito.

Há hoje uma larga literatura que discute a eficácia dessas ferramentas. Em "Fragile Democracies" ("democracias frágeis"), de 2015, Samuel Issacharoff, faz um rico balanço da ação de cortes constitucionais ao tentar proteger a democracia dos seus inimigos. Uma primeira estratégia, de natureza mais paternalista, tem sido restringir certos discursos e condutas, e mesmo proibir, em casos extremos, a participação de grupos antidemocráticos no processo eleitoral, como ocorreu na Alemanha, na Índia, na Turquia ou em Israel, nas últimas décadas.

Uma segunda estratégia de muitos tribunais tem sido buscar manter os canais democráticos abertos e competitivos, proteger minorias, combater a corrupção e restringir as tentativas de concentração de poder nas mãos do Executivo. No limite, essas cortes se dispõem invalidar leis e mesmo emendas constitucionais que violem direitos ou coloquem em risco o processo democrático. O caso colombiano, em que a Corte Constitucional impediu o ex-presidente Uribe de concorrer a um terceiro mandato, é o exemplo mais bem-sucedido desse movimento.

A tarefa, no entanto, não é simples ou isenta de contradições. Muitos tribunais sucumbiram no caminho, como na Rússia, na Hungria, na Venezuela, na Turquia e mesmo na África do Sul. O sistema de Justiça brasileiro, a depender do resultado do presente ciclo eleitoral, também terá que assumir uma postura ativa na defesa da democracia. A grande questão é se a musculatura adquirida nos últimos anos, assim como os tropeços que deu, contribuirão para que resista aos ataques autoritários que eventualmente virão.

**Oscar Vilhena Vieira é
Diretor e professor da FGV
Direito SP, mestre em
direito pela Universidade
Columbia (EUA) e doutor em
ciência política pela USP.*

Transcrito da Folha de São Paulo

PROGRAMA NACIONAL DE FORMAÇÃO À DISTÂNCIA

Contribuição do Secretariado Estadual de Minas Gerais
mfc.livraria@gmail.com



TEMA 2: RELACIONAMENTO HUMANO

3º MÓDULO: NOSSO COMPORTAMENTO E SEUS EFEITOS NAS RELAÇÕES (Parte 3)

ORAÇÃO INICIAL

Vinde, Espírito Santo, enchei os corações de vossos fiéis e acendei neles o fogo de vosso amor. Enviai o vosso Espírito e tudo será criado, e renovareis a face da Terra.

Oremos: Deus, que instruístes os corações de vossos fiéis com a luz do Espírito Santo, fazei que apreciemos retamente todas as coisas, segundo o mesmo Espírito, e gozemos sempre de sua consolação. Por Cristo, Senhor nosso. Amém.



INTRODUÇÃO

Por que investir tanto tempo no tema do relacionamento humano? Ora, já sabemos que boa parte das questões que nos incomodam vem exatamente das relações com as outras pessoas. Sabemos também que os processos educacionais que experimentamos ao longo da vida dificilmente nos ensinam a ter no outro uma referência necessária; ao contrário, aprendemos que somos uma espécie de “centro de importância”, com o restante do universo girando ao nosso redor.

Portanto, parece não ser muito difícil entender por que assistimos a tantos conflitos, dentro e fora do ambiente familiar. Invariavelmente, as notícias do cotidiano trazem informações sobre a violência nas grandes (e nas pequenas também) cidades, envolvendo assaltos, sequestros, assassinatos, chacinas, embates entre gangues ou entre policiais e marginais, choques entre torcidas rivais, atentados de fundo político ou de fanatismo religioso e até guerra entre países. A prevalência do egoísmo nas relações humanas, infelizmente, tornou-se uma característica marcante do nosso tempo e a divulgação sistemática e sensacionalista de tantos eventos leva muitos a crerem que isso é normal...

É preciso que cada um se pergunte sobre essa “normalidade” que afeta nossas crianças e jovens muito mais do que nos afeta. Toda essa carga de coisas ruins não estaria sendo alimentada pelos nossos frequentes desentendimentos familiares? Não estariam alimentando a indiferença, que conduz ao desânimo, que conduz ao comodismo, que conduz à manutenção dessa sistemática infeliz de como nos relacionamos com os outros? Que legado estamos deixando para os mais jovens?

Longe de atribuir a culpa das dificuldades relacionais familiares aos mais velhos ou aos mais jovens, o que está sendo apontado é a nossa atitude diante das dificuldades. Muitas vezes nossa longa caminhada como pais, tios, avós leva-nos a assumir uma postura de acomodação diante da realidade dura e desanimadora. Não estaríamos, assim, perpetuando a lógica egocêntrica e pouco voltada para o bem-comum?

Lembre-mo-nos das palavras do Papa Francisco: “Não deixem que roubem a esperança de vocês; pelo contrário, sejam portadores da esperança.” A conservação da esperança é alimento dos cristãos e deve nos animar na construção de um mundo melhor, inclusive por meio do desenvolvimento das nossas

próprias limitações no relacionamento com os outros.

Muito depende do esforço de cada um. Estejamos certos de que o Senhor nos ajudará.

PARA REFLEXÃO E PARTILHA

Caso alguém da equipe-basse queira comentar alguma parte da Introdução, bom proveito! Assim será possível uma melhor apreensão por parte de todos.

NOSSO COMPORTAMENTO E SEUS EFEITOS NAS RELAÇÕES

No módulo anterior, tratávamos a questão da dificuldade na aceitação das diferenças entre pessoas. Pois bem, imaginemos a seguinte situação: Aristides pegou o telefone e ligou para sua amiga Cândida para cumprimentá-la pelo aniversário. Como eram os dois do mesmo mês, ele imaginou receber a ligação dela duas semanas depois. Só que ela não ligou... Nem mandou uma mensagem de texto, nem via e-mail, nadinha. Antônio se entristeceu, pois se viu esquecido e logo por sua amiga Cândida, de quem tinha certeza receber uma manifestação.

Em um primeiro momento, a gente tende a maldizer essa pessoa "insensível" e "egoísta" e se solidarizar com o nosso chateado personagem fictício. Tendemos a condenar alguém que não reagiu do jeito que se esperava. Aliás, nossa reação

será tão mais intensa quanto maior for a importância que damos ao assunto, isto é, sofreremos mais à medida que nos sentirmos não lembrados por quem a gente acha que não poderia agir assim. Entretanto, há pelo menos dois fatores importantes a serem considerados em tais situações:

1º) Somos diferentes uns dos outros e, conseqüentemente, agimos de forma não-uniforme. Nem sempre estamos atentos a essa importantíssima ponderação. Como já refletimos anteriormente sobre isso, vamos pra frente.

2º) A expectativa que criamos sobre o comportamento dos outros é um fenômeno interno de cada um de nós. Isso quer dizer que não temos controle sobre o que o outro irá fazer; podemos, sim, influenciar suas ações, mas não as controlamos como fazemos com robôs.

Desenvolvemos nossas expectativas por conta e responsabilidade de nós mesmos. Insistimos: o que pensamos que deva acontecer pertence ao imaginário de cada um. Só que costumamos não lidar bem com isso. Permitimos que nosso descontentamento se transforme em decepção, sofrimento e, com frequência, prejudicamos nosso relacionamento com as pessoas em função daquilo que esperávamos delas.

Tão graves, ainda, são os reflexos que tais reações podem causar em nossa própria saúde. Existem pessoas que adoecem em decorrência de sua decepção. Outras perderão o sono e ficarão irritadiças com os outros sem saber por quê. Muito de tudo isso vem exatamente de nosso desconhecimento sobre nosso próprio comportamento. Aqui surge novamente a questão do autoconhecimento, tratado nos módulos anteriores: o desafio de conhecer a nós mesmos, elemento de importância fundamental na condução de nossas vidas e, consequentemente, de nossas relações humanas.

PARA REFLEXÃO E PARTILHA

Gosto de ser lembrado pelos outros? Também faço esforço para me lembrar deles?

CONTINUANDO...

Curiosamente nem sempre somos equilibrados ou estáveis em nossas relações com parentes e amigos. Experimentamos sentimentos de "conforto e desconforto" com alguma frequência e quase nunca nos detemos para tentar entender por que tamanha variação. Da Psicologia aprendemos que é grande a contribuição do nosso inconsciente na composição da nossa estrutura mental. É possível que alguns de nossos comportamentos não sejam

por nós entendidos ou mesmo percebidos. Sabemos também que podemos conseguir estar conscientes sobre muitas coisas nos outros, mas não percebê-las em nós mesmos. Isso reforça nosso pensamento de que o relacionamento humano pode ser melhorado à medida que aumentarmos nossa atenção sobre nossas reações e atitudes, ajudando-nos a aprender, a mudar e, ao mesmo tempo, a ajudar os outros nesse sentido.

A busca do entendimento alheio nos leva ao campo da empatia, atitude que faz com que nos coloquemos no lugar do outro para tentar compreender seu comportamento. Naturalmente estamos admitindo duas premissas básicas para falar dessa capacidade: (1) Que exista estima e valorização do outro como pessoa digna de respeito e (2) que haja percepção de que, pela sua prática, podemos ser mais felizes, claro, por meio da melhoria do nosso relacionamento.

Um dos ditados populares que traduz a importância da empatia é o de que "pimenta nos olhos dos outros não arde", provavelmente conhecido pela maioria. De fato, não é possível avaliar o grau de dificuldade embutido em situações que não vivenciamos. Assim, torna-se relativamente fácil dizer que fulano é isso ou

aquilo, pois não sentimos na pele o que o aflige. O comportamento empático, por outro lado, nos leva a uma atitude menos egoísta, de procurar compreender o porquê da atitude da outra pessoa.

Para ilustrar, vejamos: Antero chegou de viagem na rodoviária, após algumas horas na estrada. Seu lugar era na parte de trás do ônibus, e ele aguardava ansioso o deslocamento das pessoas à sua frente para desembarcar. A fila mal se mexia e sua impaciência levou-o, em alta voz, a pedir mais rapidez e a dizer de sua pressa. Quando finalmente conseguiu sair, viu um senhor idoso sentado em uma cadeira de rodas que havia sido auxiliado pelo motorista para descer do ônibus. Sentiu-se envergonhado e se arrependeu por sua atitude precipitada, que não considerou a possibilidade de dificuldades

alheias. Pensou que ele poderia, um dia, estar no lugar daquele senhor...

PARA REFLEXÃO E PARTILHA

Posso partilhar alguma situação em que poderia ter agido melhor se tivesse me colocado no lugar do outro?

REFERÊNCIAS BÍBLICAS:
Lc 7, 1-5, – Mt 18, 21-35

ORAÇÃO FINAL (sugestão)

Nós vos agradecemos, Deus Todo-Poderoso, por todos os benefícios que nos tendes concedido; a vós que viveis e reinais pelos séculos dos séculos. Amém.

Pai-Nosso – Ave-Maria

(Fontes de consulta: *Palavras do Papa Francisco no Brasil – O eu e o inconsciente* (Jung, C. J.)

A relação interpessoal: o núcleo da orientação (Rogers, C. R.))

Equipe de Coordenação
do MFC – MG.

FELICIDADE

Quanto mais a sociedade considerar, como fazem os protestantes num achado infeliz, que a felicidade fica estampada nos sinais exteriores de sucesso, como se eles fossem seus indícios inequívocos, maior será o magnetismo da fama. Não é outra a energia que atrai tantos desesperados aos programas de “casos reais”.

Otávio Frias Filho



POBREZA MORAL

O que acontece quando se substitui a firmeza da fé e dos princípios morais ensinados pelo evangelho pelo emotivismo disfarçado em linguagem religiosa?



Bráulia Ribeiro*

Outro dia, ao chegar a um evento um pouco depois de seu início, verifiquei que não havia cadeiras vazias porque, mesmo as que não estavam ocupadas, estavam bloqueadas por alguma bolsa. Percorri o salão procurando vaga, mas ninguém se mexeu para me permitir sentar. Assisti à palestra em pé. Falta-nos senso de coletividade como cultura. Estamos programados para “defender o que é nosso”; temos pouca ou nenhuma preocupação com o coletivo. Acontece que uma noção básica da necessidade do outro é o fundamento do que chamamos de moral. Parece-me que estamos ca-

rentes de princípios morais básicos. Porém, como fazer isso se toda discussão que acontece no Brasil hoje se dá com base no discurso de certo e errado, branco e preto, demônios e santos?

O problema é que nosso conceito de moral, a exemplo do mundo ocidental pós-moderno, não se baseia em nenhuma noção sólida de verdade. Estamos reféns de uma estreita noção de moralidade chamada de emotivismo. Como nos sentimos ou como somos condicionados a nos sentir sobre o fato é que determina o que pensamos ser certo ou errado. Não se conhece mais moral de forma racional, mas por meio da

emoção. Os termos justiça, dever e piedade já não têm mais um sentido comum, mas são definidos de acordo com o que “eu” creio que seja justiça, dever e piedade. O certo e errado se resume “ao que eu aprovo” e “ao que eu desaprovo”. Esta teoria apelidada por filósofos de *boo-hooray* norteia nossa discussão pública sobre política, criminalidade e sobre o futuro. Usamos expressões que antes significavam julgamentos morais para expressar nossos sentimentos e emoções, na intenção de produzir essas mesmas emoções em outros.

A trágica morte da vereadora do Rio de Janeiro Marielle Franco revelou a nossa incapacidade de fazer julgamentos morais dos mais elementares. A morte da pobre moça foi usada de forma desavergonhada pelos dois lados do espectro político e discutida nos termos do *boo-horray*. Ela defendia os favelados: “Heroína, mártir da causa dos pobres”. No entanto, estes favelados eram os traficantes: “Esquerdista conivente com o tráfico”. As pessoas se comunicam com símbolos carregados de conteúdo emocional que quando reinterpretados pelo outro lado significam exatamente o oposto. Substituímos racionalidade por histeria. Se alguém se apresenta contrário à nossa emoção pri-

maria a respeito do assunto, recorremos a xingamentos e acusações.

No meio evangélico não é diferente. Há tempos substituímos a terra firme da fé e dos princípios morais ensinados pelo evangelho pelo emotivismo disfarçado em linguagem religiosa. Tornamos o amor de Cristo em amor romântico, sujeito aos mesmos humores que povoam os amores humanos imperfeitos. Jesus ama a todos, porém ama mais os pobres e as vítimas em geral. Nesta nova estrutura moral o amor de Cristo vira “peninha”. Cristo não é mais o redentor, o que nos dá acesso a um caminho diferente e que nos ajuda a enfrentar e, quem sabe, evitar as inexoráveis mazelas sociais. Não, agora ele se tornou o legitimador supremo das nossas dores. Ele não nos redime mais, ele nos desculpa. A feiura produzida pelo pecado virou “cultura” e as consequências do pecado são “problemas sociais”. Todo mau comportamento tem uma desculpa num trauma psicológico qualquer e o maior papel da religião é oferecer uma espécie de terapia metafísica que nos justifica e acolhe sem, no entanto, oferecer-nos uma saída.

Portanto, ofereço aqui um pequeno “bê-á-bá” moral para quem não está contente com essa situação. O princípio moral mais básico do evangelho

é o que os teólogos chamam de a “regra de ouro” extraída de Mateus 7.12: “Assim, em tudo, façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam”. O primeiro efeito de viver a regra de ouro vai ser o restabelecimento da capacidade de diálogo. Se queremos ser ouvidos, temos de ouvir o outro, não é verdade? Ouvir com paciência e respeito, entendendo que a construção de um futuro no nosso país não depende apenas do sucesso do grupo ao qual pertencemos, mas também da capacidade democrática de diálogo. Um projeto coletivo para a nação se torna impossível quando não há diálogo ou desejo

de se ter um destino comum. Se amamos nosso país, temos de pensar o futuro dele, porém não o que nos emociona, mas aquele que é pensado com todos. É hora de parar de salvar a cadeira para alguém do meu grupo que não vai chegar e olhar ao redor para ver se tem alguém em pé.

**Bráulia Ribeiro é Missionária na Amazônia durante trinta anos e no Pacífico por seis anos.*

PROPOSTA DE REFLEXÃO:

A questão básica que deu origem ao texto nos obriga a rever nossos comportamentos sociais e nossos critérios de avaliação moral

Lembranças de Beatriz Reis

*Voltou a luzir, em meus olhos,
a esperança dos recém-nascidos.
Voltou a bailar, em meus lábios,
o sorriso de quem descobre o mundo
Voltou a cantar, meu coração
a canção das madrugadas
ao romper do novo dia*

Protagonismo da



1 - A relação da macro-política mundial com os processos de exploração global. É necessário que compreendamos como ponto de partida o que representa a mundialização do capital, o ataque aos serviços públicos e o aumento da desigualdade social, que campeia sobretudo para aqueles setores da população mais desprovidos das condições básicas para sobreviver.

2 - A não dicotomização entre fé e vida. A política é o espaço de relação para o fazer humano. Assim, não é possível eximir o compromisso cristão das implicações do dia a dia da vida, que perpassam a teia de relações de poder econômico, as ideologias dominantes e a resistência do povo. Separar a fé da vida é estratégico para o poder ideológico dominante, que se aproveita do discurso religioso unilateral para manipular consciências e apontar

para um céu depois das nuvens, separando-nos dos riscos que nos afetam, ao assumir a opção preferencial pelos pobres.

3 - Desse modo, o protagonismo juvenil não é algo a margem do compromisso com a transformação das relações injustas e desiguais que atravessa o mundo globalizado. A juventude que se abre para a proposta de Jesus assume os riscos de seu chamado, como profetas do mundo, com as lutas do povo. "Eu vim para que todos tenham vida, e vida em abundância" (Jo 10, 10). A vida não é algo exclusivo de quem a pode ter na superabundância de bens materiais, enquanto a grande maioria da população está à margem do processo.

4 - Em vista disso, perguntamos: "qual a prática que realmente e não ilusoriamente ajuda?" (BOFF, 1982). Certamente, o mode-

lo é a comunidade. Não se constrói o processo de protagonismo sem a profecia. Esta é a dimensão libertadora da fé, que nos impulsiona como agentes de mudança, no mundo das permanentes relações de poder desigual. A motivação que alimenta este chamado está na presença dos profetas no meio do povo, com o povo. Aqui vale como sugestão a leitura do capítulo "O Político numa perspectiva de libertação", do livro "E a Igreja se fez povo" (Leonardo Boff, 1986, p. 116 - 133). Para iluminar e animar ainda mais nossos caminhos, indicamos também a leitura, seguida de debate contextualizado, de biografias de grandes testemunhas da profecia no mundo contemporâneo: Hélder Câmara, Mahatma Gandhi, Chico Mendes, Martin Luther King Jr., Pedro Casaldáliga, Oscar Romero, Irmã Dorothy Stang

e outros nomes que as equipes possam apontar.

Por tudo isso, o fortalecimento do espírito de compromisso com a causa do Reino põe o ser humano a estar a serviço do carisma profético do Evangelho, que é testemunhar a vida em plenitude. No ponto em questão, a juventude é chamada, como Jeremias, a desempenhar sua missão de modo comprometido e libertador.

"Querer ser livre implica em quebrar correntes" (Pe. Arnaldo Lima Dias)

"Deus é negado ou afirmado sempre e em todo o lugar onde é negada ou afirmada a justiça, se realiza ou não a fraternidade." (Leonardo Boff)

Att.

Jorge Leão

SENJOV - MFC

Vida

"Ocupamos quase toda a nossa existência com entretenimentos mesquinhos, No entanto existem coisas que deviam excitar ao mais alto grau a curiosidade dos homens e a que estes, a julgar pelo seu estilo de vida cotidiano, permanecem totalmente indiferentes."

Baudelaire





Tenho medo daqueles que não têm medo de nada, porque poderão ir além dos seus limites.

Tenho medo daqueles que não têm limites em suas palavras e em suas atitudes, porque, com certeza, invadirão nossos espaços.

Tenho medo daqueles que se julgam mais que outros e acima dos demais, porque se enganam a si mesmos e terminam nos enganando.

Tenho medo dos corajosos demais, dos valentes que podem nos surpreender quando menos esperamos, porque ninguém se basta a si mesmo.

Tenho medo dos covardes, que não são capazes de assumir atitudes corajosas para não desgostar ninguém, porque empobrecem a sociedade.

Tenho medo dos incoerentes, porque nunca se sabe quem são e o que pensam, por isso não merecem confiança.

Tenho medo dos que se guiam apenas pelos sentimentos, pois não serão capazes de tomar atitudes decisivas e poderão cometer injustiças.

Tenho medo dos que se deixam guiar apenas pela razão, porque poderão se tomar desumanos.

Tenho medo dos que tomam caminho supremo de verdade e de vida, porque se tornarão escravos e escravizadores.

Tenho medo dos que não aceitam o plural, a diversidade, pois contradizem a realidade do mundo de hoje. Tenho medo dos que concordam com tudo e com todos, porque não são confiáveis.

Tenho medo dos que rejeitam mudanças, porque estão na contramão da história.

Tenho medo dos que só sabem copiar e repetir o que os outros já disseram, porque não criam o novo e nada acrescentam.

Tenho medo dos que não se atualizam nem se renovam porque, certamente, irão fracassar.

Tenho medo dos mal informados, porque causa grandes estragos por onde passam.

Tenho medo dos pessimistas, porque vêem a realidade de forma míope e deturpada.

Tenho medo dos bajuladores, porque cedo ou tarde nos aprontam.

Tenho medo dos gananciosos, porque são capazes de

pisar sobre os demais sem sentirem dor nem piedade.

Tenho medo dos egoístas, porque perdem o melhor da vida e são um peso para os outros.

Diante de tantos medos, não tenho medo dos que buscam a prática da temperança, porque deia é que vem o equilíbrio, a serenidade e a segurança para ser, viver e realizar.

*O autor é padre palotino
em Santa Maria- RS*

*Transcrito do Boletim
Sustentação do MFC
de Itaúna (MG)*

Extraído da imortal obra Os Miseráveis, de Vitor Hugo

“Politicamente falando, não há mais do que um princípio: soberania do homem sobre si mesmo. Essa soberania de mim e sobre mim tem um nome: chama-se Liberdade.” (p. 1204)

“[...] o excesso de sacrifício constitui um fortalecimento.” (p. 1209)

“A juventude é o sorriso do porvir, ante um desconhecido - que é ele próprio. A felicidade é o seu elemento. E a esperança, podemos dizê-lo, a sua respiração.” (p. 1217)



Acidente de trabalho

Um pedreiro, no meio do serviço, liga para casa e diz para a esposa, todo ofegante: - Mulher, você nem queira saber... Escapei de uma boa, caí de uma escada de quinze metros de altura. - Ai, meu Deus. E você está muito machucado? - Não... Nem um pouquinho. Eu ainda estava no primeiro degrau.

Conversa do Casal

Amor, me diga algo doce.

- Brigadeiro.
- Não, algo bonito.
- Cachorrinhos.
- Não! Diga algo sexy!
- A vizinha.



Maior pedaço

Zé e Cráudio prepararam um almoço juntos, e só haviam 2 pedaços de carne de panela. Zé se serviu primeiro e pegou logo o maior pedaço de carne, mas Cráudio reclama: -Uai Zé, cê num pode pazê isso não!

- Isso o que Cráudio?
- Cê foi o primeiro a pegar a comida e colocô o maior pedaço pro cê. É farta de educação.
- Se fosse o cê, qual iria pegar?
- Uai Zé, o menor.
- Então tá tudo joia, de todo jeito o maior ia ser meu mermo.

Pedido de informação

Um cidadão estava procurando onde ficava a rodoviária e resolveu perguntar para um pedestre que por ali passava: - O senhor sabe onde fica a rodoviária?

- Sei sim. Siga em frente, dobre a direita, depois a esquerda e direita. Qualquer imbecil sabe onde fica a rodoviária.
- Eu sei, por isso perguntei ao senhor.

